



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI

Relatório de Estágio apresentado à
Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti, para obtenção de grau de
Mestre em Educação Pré-Escolar

***O papel do educador de infância na resposta
às necessidades da criança com precocidade
excepcional***

Carina Sofia Vieira Lourenço

Fevereiro de 2018

Porto

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio apresentado à Escola
Superior de Educação de Paula Frassinetti,
para obtenção de grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar

***O papel do educador de infância na resposta às
necessidades da criança com precocidade
excepcional***

Orientadora: Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes

Carina Sofia Vieira Lourenço

Fevereiro de 2018

Porto

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Lista de Acrónimos e Siglas.....	vi
Índice de Gráficos.....	vii
Índice de Quadros	viii
Índice de Tabelas	ix
Índice de Anexos	x
Introdução.....	1
CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico.....	2
1. Definição do conceito de sobredotação e precocidade excecional	3
2. A criança com capacidades excecionais em contexto pré-escolar	6
2.1 A importância da organização e a utilização do espaço/tempo em contexto pré-escolar para acolher crianças com capacidades excecionais	8
3. Necessidades e características educativas das crianças sobredotadas	9
3.1 Um perfil da criança globalmente sobredotada: Sinais mais precoces	14
3.2 Os critérios de identificação das crianças sobredotadas	15
4 O papel do educador relativamente ao comportamento das crianças sobredotadas	17
5. Intervenção no âmbito de uma instituição educativa	22
5.1 A inadaptação escolar das crianças sobredotadas	22
5.2 Estilo de aprendizagem das crianças sobredotadas	23
5.3 Aptidões relacionadas com a escola.....	24
6. As crianças sobredotadas e a família.....	25
6.1. Uma posição especial na família.....	28
CAPÍTULO II - Opções Metodológicas.....	31
1. Objetivos da investigação	32
2. Contexto da investigação.....	33

3. Método da investigação	36
4. Participantes da investigação	38
5. Instrumentos de recolha e análise de dados.....	39
CAPÍTULO III - Apresentação e Discussão dos Dados da Investigação	43
1. Apresentação dos dados	44
2. Discussão dos dados apresentados	52
Considerações Finais	57
Bibliografia.....	59
Anexos	61

AGRADECIMENTOS

“Foi o tempo que dedicastes à tua rosa que fez a tua rosa tão importante.”

(Saint-Exupéry, 2009)

Muitos foram os que contribuíram para que esta rosa se tornasse tão importante e para que este caminho fosse levado a um bom porto. Depois de tantos anos de luta, de esforço e dedicação, chegou o grande dia, o dia em que o meu sonho se vai tornar realidade. Estes cinco anos foram recheados de desafios, medos, anseios e conquistas. Ao longo deste percurso académico, ultrapassei vários obstáculos e agradeço a todas as pessoas que me acompanharam neste grande sonho de me tornar Mestre em Educação Pré-Escolar.

Assim, o meu sincero agradecimento à minha orientadora, Doutora Ana Márcia Fernandes, pela excelente profissional e magnífica pessoa que é, por toda a atenção dispensada, pela disponibilidade, por toda a paciência que teve comigo e por toda a dedicação e por todas as palavras sinceras que me disse. MUITÍSSIMO obrigada por nunca ter desistido de mim, por tudo o que me ensinou e por acreditar sempre que eu ia conseguir terminar esta etapa da minha vida.

Agradeço também, do fundo do meu coração aos meus queridos pais, por me terem incentivado sempre nesta caminhada, pela dedicação, por todo o carinho e amor que me deram nos momentos mais difíceis. Obrigada por todas as longas horas de conversa, por me fazerem erguer a cabeça quando eu me sentia desmotivada, por conseguirem, com todo o vosso esforço e dedicação, darem-me este curso que sempre sonhei. Agradeço ainda a educação que me transmitiram, todo o apoio dispensado em todas as minhas decisões e a vossa presença contínua em todos os momentos, quer nos bons, quer nos maus e também toda a paciência que tiveram comigo. A vida é feita de vitórias e conquistas e hoje, graças à maravilhosa família que tenho ao meu lado, conquistei mais uma vitória.

Agradeço ainda ao meu namorado, ao grande amor da minha vida, pois sempre me encorajou e acompanhou com uma coragem indiscutível e uma alegria imensa. Obrigada por todo o incentivo oferecido, toda a força transmitida, toda a paciência e dedicação, todas as lágrimas que me secaste e todas as gargalhadas que demos. Sem

dúvida que sempre me deste toda a atenção necessária e que foste um grande apoio para mim, ao longo deste caminho.

Por último, o meu eterno obrigada a todas as minhas colegas de Mestrado, pelos momentos de partilha e entusiasmo, e por toda a disponibilidade e ajuda dispensadas. Importa também mencionar algumas amizades, que apesar de serem poucas, irão ficar para a vida toda. Muito obrigada, minhas queridas amigas, por toda a paciência, pelo apoio, por todas as palavras de conforto, por todos os gestos de carinho e, essencialmente, obrigada por cada partilha de conhecimento!

“Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para o meu sucesso e para o meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.”

(Augusto Branco, s/d)

RESUMO

O presente relatório consiste numa investigação sobre o papel do educador de infância na resposta às necessidades da criança com precocidade excecional. Em primeiro lugar, há que fazer a distinção entre dois conceitos pertinentes e atuais, o de “sobredotação” e o de “precocidade excecional”. Uma vez que o termo “precocidade excecional” não é um conceito de fácil interpretação, pretende-se aprofundar este tema, compreender o que pode o educador de infância fazer para responder às necessidades de uma criança com estas características e sensibilizar o mesmo para a problemática da sobredotação. Este conceito sofreu alguma evolução ao longo do tempo, acompanhando assim a própria evolução do conceito de inteligência. Definir o conceito de sobredotação não é uma tarefa fácil, mas podemos dizer que ser sobredotado é sinónimo de ser talentoso. A precocidade refere-se ao tempo, ao passo que a sobredotação indica capacidades ou funções de natureza mais permanente. Sobredotação é diagnosticada em idade escolar e precocidade excecional refere-se ao período anterior à entrada na escola de 1.º ciclo do ensino básico. Este estudo tem como objetivo geral compreender quais as estratégias utilizadas pelas educadoras de infância para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional. No que concerne às opções metodológicas, foi utilizada uma metodologia de carácter quantitativo com complemento qualitativo e recorreu-se a, como instrumento de recolha de dados, um inquérito por questionário. Neste sentido, foi possível contar com a colaboração de 13 educadoras de infância de duas instituições educativas do contexto pré-escolar. No que diz respeito aos resultados, averiguamos que as educadoras de infância inquiridas estão conscientes e encontram-se sensibilizadas para esta problemática e promovem, em contexto de sala, um conjunto de estratégias que permitam a inclusão das crianças sobredotadas. Quanto à intervenção, estas profissionais de educação conseguem mencionar algumas soluções para poder responder às necessidades da criança com precocidade excecional e estão cientes de que, na sua intervenção, têm de utilizar diversos mecanismos para que a criança não se sinta frustrada. No entanto, constatamos que a falta de formação por partes das educadoras de infância, nesta temática, pode condicionar a sua ação junto das crianças com precocidade excecional.

Palavras-chave: Sobredotação; Precocidade excecional; Estratégias de Intervenção; Necessidades das crianças com precocidade excecional.

ABSTRACT

This report consists of an investigation into the role of the kindergarten teacher in responding to the needs of the child with exceptional precocity. In the first place, it is necessary to distinguish two pertinent and current concepts, that of "giftedness" and "exceptional precocity". Since the term "exceptional precocity" is not an easy-to-interpret concept, it is intended to deepen this theme, to understand what the kindergarten teacher can do to respond to the needs of a child with these characteristics and raise awareness of the problem of giftedness. This concept has undergone some evolution over time, thus accompanying the very evolution of the concept of intelligence. Defining the concept of giftedness is not an easy task, but we can say that being gifted is synonymous with being talented. Precocity refers to time, while giftedness indicates capabilities or functions of a more permanent nature. Giftedness is diagnosed at school age and exceptional precocity refers to the period before the entry to the 1st cycle of elementary school. This study has as general goal to understand the strategies used by kindergarten teachers to respond to the needs of a child with exceptional precocity. With regard to the methodological options, a quantitative methodology was used with qualitative complements, and a questionnaire survey was used as a data collection instrument. In this sense, it was possible to count on the collaboration of 13 kindergarten teachers from two educational institutions in the pre-school context. With regard to the results, we find that the kindergarten teachers interviewed are aware and are sensitized to this problem and promote, in a classroom context, a set of strategies that allow the inclusion of gifted children. As for the intervention, these educational professionals can mention some solutions to be able to respond to the needs of the child with exceptional precocity and are aware that in their intervention they have to use several mechanisms so that the child does not feel frustrated. However, we note that the lack of training by part of the kindergarten teachers, in this area, can condition their action with children with exceptional precocity.

Keywords: Giftedness; Exceptional precocity; Intervention Strategies; Children's needs with exceptional precocity.

LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

Q. I. – Quociente de Inteligência

A.P.C.S. – Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas

A.T. L. - Atividades de Tempos Livres

I. P. S. S. - Instituição Particular de Solidariedade Social

P. E. S. – Prática de Ensino Supervisionada

E. P. E. – Educação Pré-Escolar

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1 - Faixa etária das educadoras de infância	44
Gráfico nº 2 - Anos de serviço das educadoras de infância	45
Gráfico nº 3 - Anos que a educadora exerce na instituição	45
Gráfico nº 4 - Formação académica das educadoras de infância.....	46
Gráfico nº 5 – Contacto com algum caso de sobredotação em contexto de sala	47
Gráfico nº 6 – As necessidades educativas específicas das crianças sobredotadas, no que diz respeito ao ambiente de uma sala.....	48
Gráfico nº 7 – A criança desempenha sempre um bom rendimento.....	49
Gráfico nº 8 - Intervenção diferenciada numa criança sobredotada	49
Gráfico nº 9 – Identificação de sinais numa criança sobredotada em contexto de sala	51

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº1 - Características da criança sobredotada.....	13
Quadro nº 2 - Conselhos e algumas atitudes que os educadores devem e não devem ter	21
Quadro nº3 – Quadro Categórico.....	42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 – Género dos educadores.....	44
Tabela nº 2 – Instituição de ensino	46
Tabela nº 3 – Sucesso do caso.....	47
Tabela nº 4 – Diagnóstico da criança.....	47
Tabela nº 5 – Planificação de acordo com o caso da criança sobredotada.....	50

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Pedido de autorização realizado à 1ª instituição	62
Anexo II – Pedido de autorização realizado à 2ª instituição	64
Anexo III – Inquérito por questionário para os educadores de infância de ambas as instituições.....	66
Anexo IV – Tabelas de dados dos inquéritos dos educadores de infância realizados em ambas as instituições.....	73

INTRODUÇÃO

O relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Este estudo foi elaborado pela discente Carina Sofia Vieira Lourenço, durante a Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S). em Educação Pré-Escolar (E.P.E). e a orientação do decorrente trabalho encontrou-se ao cuidado da Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes.

Para orientar a investigação delineamos um objetivo geral, compreender quais as estratégias utilizadas pelas educadoras de infância para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional. No sentido de complementar o objetivo geral deste estudo delimitamos os seguintes objetivos específicos; averiguar o conceito que as educadoras de infância têm de sobredotação; saber a sua opinião acerca das necessidades e características das crianças sobredotadas e perceber o que as educadoras de infância podem fazer para responder a essas mesmas necessidades das crianças sobredotadas, em contexto de sala. Ao longo deste estudo pretende-se aprofundar os conhecimentos relativamente a este tema, pois revela-se uma área de estudo extremamente importante e indispensável, pelo facto de ser um tema atual e qualquer profissional de educação poderá enfrentar esta problemática.

O foco desta investigação é responder à pergunta de partida, isto é, “O que pode o educador de infância fazer para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional?”. Para isso, em primeira instância, construímos o Capítulo I, onde se apresenta a componente teórica, na qual se reflete sobre vários aspetos, considerados centrais no desenrolar desta investigação, tais como: a definição do conceito de sobredotação e precocidade excecional, a criança com capacidades excecionais em contexto pré-escolar, as necessidades e características educativas das crianças sobredotadas, o papel do educador relativamente ao comportamento destas crianças, a intervenção no âmbito de uma instituição educativa e por fim, as crianças sobredotadas e a família. O Capítulo II, que introduz a componente empírica, é composto pelas opções metodológicas, as quais se dividem em subcapítulos, nomeadamente os objetivos específicos e o contexto da investigação, o método e os participantes da investigação e, por último, os instrumentos de recolha e análise de dados. No capítulo III consta a apresentação e discussão dos dados da investigação, resultantes da intervenção educativa de ambas as instituições, onde decorreu a P.E.S. em E.P.E. Nas considerações finais, encontra-se a conclusão dos resultados e a reflexão de toda a investigação realizada. O relatório termina com a exposição da bibliografia utilizada para desenvolver este estudo.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE SOBREDOTAÇÃO E PRECOCIDADE EXCECIONAL

Inicialmente, a questão que se coloca, relativamente à problemática da sobredotação, é a de saber qual o conceito de Sobredotação, o que queremos dizer quando nos referimos a uma criança sobredotada, que características implicam este conceito e qual a sua extensão.

Ao tentar encontrar uma resposta, deparamo-nos com imensas dificuldades. Como síntese destas dificuldades, torna-se pertinente referir a afirmação da investigadora, Erika Landau: “quando me perguntam o que é a sobredotação eu não sei definir... quanto mais sei do sobredotado menos sei a seu respeito” (Erika Landau citado por Falcão, 1992, p. 57).

Efetivamente existem muitas dúvidas relativamente ao conceito de sobredotação. Este conceito sofreu alguma evolução ao longo do tempo, acompanhando assim a própria evolução do conceito de inteligência. Falar de sobredotação implica analisar um conjunto de atributos psicológicos, cuja definição e avaliação têm sido alvo de discussão e debate ao longo dos anos.

Almeida (citado por Boas & Peixoto, 2003) refere que: “O conceito mais atual de sobredotação vai além do pensamento analítico, lógico e linear, passando a incluir a excelência na resolução de problemas de natureza diversa, comportamento criativo ou inventivo, aptidão académica, liderança, realização artística ou expressão motora” (Boas & Peixoto, 2003, p. 21).

Definir o conceito de sobredotação não é uma tarefa fácil. Podemos dizer que ser sobredotado é sinónimo de ser talentoso. Por vezes verificamos que são usadas expressões como sobredotação cognitiva e também talento especial. Assim sendo, podemos dar uma breve definição de:

Sobredotação cognitiva: criança com um potencial cognitivo (ao nível do Q.I.) bastante acima da média do seu grupo etário.

Talento especial: criança que manifesta um talento bastante acima da média do seu grupo etário, numa área específica (no aspecto atlético, artístico, musical, etc.) (Boas & Peixoto, 2003, p. 21).

Anteriormente, um elevado Q.I. era sinónimo de alta inteligência e o sobredotado era caracterizado como o indivíduo de alta capacidade intelectual.

Com o passar dos tempos e o conceito cada vez mais alargado de sobredotação, outras variáveis, além daquela, passaram a ser consideradas e incluídas como, por exemplo, a capacidade de liderança, a criatividade, a capacidade psicomotora, etc.

Segundo Ilídio Falcão (1992), dá-se lugar a uma visão mais ampla de sobredotação, residindo a ideia de que existe um *continuum* em termos de capacidade, quer seja ele de natureza intelectual, social, musical, artística ou psicomotora.

Perante esta perspetiva, entende-se assim por sobredotado todo aquele que apresenta um desempenho significativamente superior, em qualquer uma das áreas: a intelectual; a criativa; liderança; psicomotora; empenhamento na matéria e arte, ou então, sobredotado será o indivíduo que demonstra uma habilidade superior quando comparado com a população geral.

Assim, todo o processo de definição e educação do sobredotado faria parte de um esforço total para atender às necessidades individuais de cada criança.

Em suma, podemos pois, concluir que qualquer conceito de sobredotação terá de ser dimensionado, sempre, abrangendo as duas componentes referidas: a extensão e a compreensão, a quantidade e a qualidade, a multiplicidade e a continuidade - e estruturado em função de oportunidades de realização.

Depois de várias investigações definidas no âmbito da prática educacional, tentou-se avançar com um contributo no domínio da definição de sobredotado. Mas, chegou-se à conclusão que não existe unanimidade na definição do referido conceito entre os vários estudiosos desta temática.

De acordo com Ilídio Falcão (1992), "no enquadramento da perspetiva traçada, é importante salientar, uma das mais recentes óticas no domínio da psicologia - a teoria das "Inteligências Múltiplas", parece adequada para servir de "fundo" à proposta de uma definição" (Falcão, 1992, p. 67).

Qual a essência da teoria de Gardner?

O investigador Howard Gardner acreditou inicialmente que a inteligência era uma qualidade única que se podia medir com um teste. Este investigador estava convencido de que medir a inteligência era uma coisa infalível e que a pontuação alcançada no quociente intelectual bastava para indicar quem era inteligente e também quem não o era.

Este investigador realizou outras investigações sobre o tema e chegou à conclusão que a inteligência é a capacidade que o homem tem de resolver problemas ou criar produtos em vários contextos.

Os testes de inteligência normais costumam medir a inteligência linguística e a lógica ou matemática, porém não servem para captar outras cinco, pelo menos, a inteligência: cinestética, a musical, a espacial, a interpessoal e, também, a intrapessoal.

Em que difere a teoria das inteligências múltiplas das concepções tradicionais?

Tradicionalmente acreditava-se que certas funções como a percepção, a aprendizagem, a memória se podiam aplicar a qualquer matéria, e que a memória funciona do mesmo modo com pinturas, cantos, palavras ou números. A teoria das inteligências múltiplas diz que a cada inteligência se dá uma forma característica de percepção, memória e aprendizagem. Como por exemplo, uma pessoa pode ter uma boa memória para aprender línguas e não ter uma boa memória para a música.

Esta teoria difere, também, da concepção tradicional no que se refere à atenção que se dedica aos papéis culturais. Os seres humanos foram-se desenvolvendo e conseguiram chegar ao nível de excelência em determinadas áreas. As investigações interculturais mostram que as pessoas desenvolvem capacidades diferentes quando as suas culturas valorizam inteligências diferentes.

Perante o que anteriormente foi referido, estamos agora em condições de apresentar uma definição do conceito de sobredotação, tendo como elementos fundamentais: um potencial superior, uma frequência constante, uma possibilidade de previsão objetiva, uma necessidade de atendimentos adequados e um desempenho elevado ao nível da produção e criação.

Criança sobredotada é aquela que possui um potencial humano de nível superior e frequência constante em qualquer uma, ou mais, das áreas operacionais das I.M. (Inteligências Múltiplas), permitindo prognosticar, se fornecidas adequadas oportunidades de desenvolvimento, um elevado grau de competência específica, quer na solução de problemas, quer na criação de produtos (Falcão, 1992, p. 70).

Para um melhor entendimento, é importante distinguir dois conceitos que poderão levar a confusões: o de "sobredotação" e o de "precocidade excecional", uma vez que o termo "precocidade excecional" não é um conceito de fácil interpretação. Este conceito sofreu alguma evolução ao longo do tempo, acompanhando assim a própria evolução do conceito de inteligência. Definir o conceito de sobredotação não é uma tarefa fácil, mas podemos dizer que ser sobredotado é sinónimo de ser talentoso. A precocidade refere-se ao tempo, ao passo que a sobredotação indica capacidades ou funções de natureza mais permanente. Sobredotação é diagnosticada em idade escolar e precocidade excecional refere-se ao período anterior à entrada na escola do 1.º ciclo do ensino básico. Mantendo-se as características, na idade escolar, que tinham sido verificadas como precoces, na criança, em idade pré-escolar esta é considerada sobredotada, após obviamente terem sido realizadas as provas que o comprovam.

2. A CRIANÇA COM CAPACIDADES EXCECIONAIS EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR

O que é uma criança excepcional?

Várias tentativas têm sido feitas no sentido de definir o termo criança excepcional, e todas devem ser ainda bastante elaboradas para que possam ser compreendidas. Algumas pessoas utilizam esse termo para se referir a uma criança particularmente inteligente ou a uma criança com talentos pouco comuns. Outras pessoas empregam-no ao se referir a qualquer criança atípica ou que se desvia da norma (Kirk/Gallagher, 1991, p. 4).

A importância da intervenção precoce para promover um início adequado de desenvolvimento para as crianças excepcionais é conhecida há muitos anos. Segundo Kirk e Gallagher (1991), a maneira pela qual uma criança é criada e o impacto significativo que o ambiente familiar tem são influências importantes sobre o que esta se tornará. Desta forma, quando se tem acesso à criança nos primeiros anos de vida, principalmente quando esta começa a falar e a andar, os programas de intervenção são mais eficazes do que iniciados quando a criança é mais velha. Assim sendo, são necessárias algumas mudanças na prática escolar para se poder desenvolver todo o seu potencial e promover o seu sucesso.

Van Tassel (1980), citado por Serra (2004), vem complementar o que foi anteriormente dito, pois defende que, para facilitar o processo de aprendizagem da criança, podemos encontrar algumas estratégias, tendo em conta os domínios psicológico, social, cognitivo e ecológico. Relativamente às estratégias psicológicas, deve ter-se em conta a flexibilidade nos tempos atribuídos para a realização das tarefas, proporcionar um clima de participação e de partilha de responsabilidades e ainda oportunizar um ambiente intelectual. Quanto às estratégias sociais, tem que se desenvolver a partilha de interesses e competências, evitando o isolamento e o desajuste social, promover a participação em tarefas de grupo e ainda ajudar a criança na compreensão do efeito social de determinadas atitudes e comportamentos. Em relação às estratégias cognitivas, é necessário que o educador seja flexível no currículo, que este seja adaptado a ritmos de aprendizagem mais rápidos e estruturado em funções de tarefas especiais ou opções alternativas. Deve ainda, facilitar o acesso e a disponibilidade de recursos adicionais de informação nas áreas de conhecimento do seu interesse e deixar a criança participar na planificação de tarefas, tendo em conta a sua originalidade e propostas. Por último, quanto às estratégias ecológicas, o educador deve propiciar a construção de um clima de sala, onde as crianças com precocidade

excepcional sintam que podem manifestar diferentes habilidades, indicando assim expectativas favoráveis de sucesso. Também deve criar condições para a produção de respostas adequadas a questões que exijam procedimentos de pesquisa e incluir estas crianças em momentos formativos de jogo e lazer (Serra, 2004).

O ambiente educativo em que se processa o desenvolvimento das crianças e, particularmente, a escola, joga um papel decisivo na sobredotação, cabendo-lhe a responsabilidade de criar oportunidade e experiências de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento e expressão da sobredotação. [...] O ajustamento da qualidade das respostas educativas produzidas pela escola, relativamente aos alunos sobredotados, poderá contribuir para a construção de uma prática pedagógica mais centrada nas particularidades psicológicas, sociais, cognitivas, que fazem de cada criança e jovem um sujeito único, cujo direito à diferença e à valorização das suas potencialidades e competências deverá constituir a finalidade central do sistema educativo (Ministério da Educação – Departamento de Ensino Básico, 1998, citado por Serra, 2004, pp. 48-49).

Deste modo, torna-se relevante referir a importância do educador na vida de uma criança sobredotada e de salientar a necessidade dos educadores estarem atentos e terem a devida formação para perceberem como podem propor aprendizagens diferenciadas, consoante as necessidades de cada criança.

Assim sendo, o contexto pré-escolar deve criar oportunidades iguais para todos, inclusive para crianças com precocidade excepcional. Assim, o profissional de educação deve ajustar as aprendizagens, quer a nível psicológico, quer social e/ou cognitivo, de forma a contribuir para uma prática pedagógica mais centrada na criança como sujeito único.

Uma vez que o termo “precocidade excepcional” não é um conceito muito conhecido e de fácil interpretação, e possivelmente as educadoras de infância poderiam não conseguir compreender o seu significado, passaremos a mencionar na escrita do relatório de investigação “crianças sobredotadas”. Contudo, após várias leituras verificamos que não se pode nomear, na educação pré-escolar, que uma criança é sobredotada, mas sim que apresenta uma precocidade excepcional. Porém, poderá diagnosticar-se como criança sobredotada, como anteriormente foi referido, a partir dos seis anos de idade.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO E A UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO/TEMPO EM CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR PARA ACOLHER CRIANÇAS COM CAPACIDADES EXCECIONAIS

Relativamente ao espaço, o Ministério da Educação defende que:

As diferenças entre o contexto pré-escolar e escolar são variadas, então, importa perceber de que forma estes fatores afetam a criança sobredotada, pois “muitos alunos que em determinados ambientes revelam características de sobredotação, podem manifestar dificuldades no seu desempenho escolar, em resultado de falta de motivação e desencanto perante as tarefas que a escola lhes propõe. [...] Estes alunos chegam à escola desejosos de novas experiências, conhecimentos e desafios, prontos para progredir e para desenvolver rapidamente aquisições importantes se lhes forem proporcionadas oportunidades de desempenho ajustadas. Quando isso não acontece, sentem-se frustradas, aborrecidas e desinteressadas das actividades escolares (Ministério da Educação, 1998, p. 10).

Para compreendermos melhor, Cerqueira salienta que:

A criança da educação pré-escolar tem autonomia para explorar, propor alterações, participar de forma activa na reorganização da sala, para que este se adeque às crianças que nele interagem. Em contrapartida, o espaço do 1º Ciclo é normalmente um espaço com uma estruturação predefinida e que não sofre alteração, assim, o espaço é padronizado, não procurando responder às necessidades e interesses das crianças (Cerqueira, 2006, pp. 18-19).

Desta forma, uma criança sobredotada adapta-se facilmente ao contexto pré-escolar, pois tem a oportunidade de explorar uma área do seu interesse, pode desenvolver um projeto numa área da sala, uma vez que no pré-escolar se trabalha através da pedagogia de projeto, o que permite à criança planificar o que quer descobrir sobre um tema do seu interesse, desenvolver uma pesquisa de acordo com o que pretende explorar, executar o trabalho e seguidamente divulgá-lo e avaliá-lo.

Sendo assim, as crianças no pré-escolar são mais eletivas, ou seja, as crianças com capacidades excepcionais sentem-se bem pois têm a possibilidade de explorar e desenvolver inúmeras áreas do seu interesse. Desta forma, sentem-se mais motivadas e entusiasmadas para progredir e desenvolver na sua aprendizagem.

Quanto ao tempo, o Ministério da Educação alega que:

O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade. A sucessão de cada dia, as manhãs e as tardes têm um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é pedagógica porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a e porque é conhecida pelas crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Trata-se de prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível, em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças e que tenha em conta que precisam de tempo para fazerem experiências e explorarem, para brincarem, para experimentarem novas ideias, modificarem as suas realizações e para as aperfeiçoarem (Marques, Silva, Mata, & Rosa, 2016, p. 17).

É necessário, deste modo, que se atenda às crianças o mais precocemente possível, considerando-se a estimulação do contexto escolar e pré-escolar como decisiva no desenvolvimento das suas capacidades.

Aspetos importantes não devem ser esquecidos neste domínio: as crianças sobredotadas devem ser objeto de um atendimento específico e adequado, diferenciado e estimulante das suas capacidades, para o efeito há que respeitar as suas diferenças pessoais e grupais; tal como as atividades escolares devem ajustar-se aos seus códigos socioculturais e respeitar os seus ritmos de aprendizagem.

As instituições educativas devem propiciar à criança sobredotada um clima estimulador que favoreça tanto o desenvolvimento pleno das potencialidades pessoais como o seu processo de adaptação social.

3. NECESSIDADES E CARACTERÍSTICAS EDUCATIVAS DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Relativamente às necessidades das crianças sobredotadas, Manuela Silva defende que:

Os sobredotados, como todas as crianças, têm necessidade e o direito a serem tratados como seres únicos e irrepetíveis. Não têm culpa de o seu ritmo ser mais rápido e de apresentarem uma realização «melhor, mais rápida e de “funcionarem” de forma diferente» da das outras crianças. Assim como se respeitam os ritmos mais lentos, também a mesma consideração tem de ser dada aos sobredotados (Silva, 1992, p. 45).

Para conseguir ajudar as crianças sobredotadas no seu desenvolvimento, devemos incidir o nosso apoio no sentido de promover o desenvolvimento das suas competências, evitando assim o possível desinteresse e dificuldades relativamente ao seu meio envolvente.

Segundo o Ministério da Educação:

Do mesmo modo que a natureza do envolvimento educativo poderá fazer surgir e desenvolver um conjunto de características comportamentais tipicamente associadas à sobredotação (altos níveis de desempenho cognitivo, criatividade, capacidade de trabalho e de concentração excepcionais), também é verdade que, na dependência de um envolvimento educativo que não valorize as necessidades educativas destes alunos, poderá surgir um conjunto de comportamentos marcados pela resistência à participação produtiva no trabalho escolar (Ministério da Educação, 1998, p. 13).

Deste modo, é fundamental abordar as necessidades educativas das crianças sobredotadas, sendo que estas podem variar consoante a faixa etária e a necessidade de cada uma, uma vez que nem todas as crianças sobredotadas têm o mesmo tipo de necessidades. Sendo assim, é fulcral ver os vários tipos de necessidades que têm, visto que podem incidir a vários níveis: necessidades psicológicas, necessidades sociais e necessidades cognitivas. Segundo o Ministério da Educação (1998), torna-se possível definir um conjunto de necessidades educativas das crianças sobredotadas:

Necessidades psicológicas

1. Sentimento geral de sucesso num ambiente intelectual estimulante

Este ponto remete-nos para um ambiente educativo positivo, ou seja, onde o sucesso das crianças é constante e é o principal objetivo. Deste jeito, os educadores devem passar esta mensagem às crianças e essencialmente fazerem com que estas se sintam convictas.

Desta forma, o educador deve valorizar os objetivos atingidos pela criança, já que corresponde a mais uma etapa na conquista do conhecimento. Assim sendo, o percurso da criança deve ser acompanhado por esta valorização, para que esta tenha mais interesse e motivação para a produção de futuras aprendizagens.

Para tal a criança necessita de ser estimulada, mas este tipo de crianças são muito exigentes com elas próprias, o que faz com que a conquista de pequenas coisas não tenha um grande significado para si. Então, para que estas crianças possam superar esta dificuldade e consigam alcançar os seus objetivos, necessitam que lhes seja dado um ensino individualizado. Assim sendo, os objetivos de aprendizagem estipulados devem ser adaptados, de forma a respeitar o seu ritmo de trabalho e de maneira a proporcionar estímulos para serem criativos e aplicarem as suas habilidades.

2. Flexibilidade nos tempos atribuídos para a realização das tarefas:

Quanto à flexibilidade, é de evitar que a criança esteja eternamente à espera que os restantes colegas terminem a atividade, pois pode levar a um desinteresse contínuo. Deve haver por isso flexibilidade no seu horário e nas suas atividades, deixando assim que a criança continue a realização da mesma explorando mais o tema.

3. Clima de participação e partilha de responsabilidades:

A partilha de responsabilidades com a criança, a sua participação em atividades e a planificação do trabalho diário é relevante, na medida em que estes aspetos contribuem para a motivação da mesma. O educador deve permitir à criança autonomia, ou seja, que sejam responsáveis pela verificação dos materiais da sala, pelos momentos de transição e pela verificação do ambiente da sala.

4. Suporte emocional para o fracasso:

A nível do suporte emocional, podemos referir a importância de evitar passar para a criança pressão e insatisfação sobre o seu rendimento e produção de uma atividade. Visto que, nem todos os dias as crianças estão predispostas a trabalhar satisfatoriamente bem, não devemos obrigar a trabalhar constantemente e sobretudo devemos evitar comentários, para que a criança não se sinta desmotivada, insegura e com uma pressão emocional.

Sendo assim, não podemos esquecer que apesar de ser um sobredotado, é uma criança, por isso tem de ser respeitada como tal, respeitando assim o seu espaço de brincadeira, convívio e exploração.

Necessidades sociais:

Tal como já foi referido, estas crianças tem tendência a procurar o isolamento, ou seja, tentam sempre trabalhar individualmente e não gostam de trabalhar em grupo, uma vez que têm tendência a ser intolerantes e impacientes com os restantes colegas.

Desta forma, o educador deverá estar atento a estas situações para que tais não aconteçam, de forma a evitar o seu isolamento e incentivar estas crianças a partilhar os seus conhecimentos, estimular a prática da autocrítica e ainda salientar as vantagens da dinâmica de grupo.

Em suma, estas crianças precisam de se sentir aceites e integradas, para que a sua interação seja mais simples e natural.

Necessidades cognitivas:

Esta necessidade é de grande relevância, pois é a condição indispensável para a motivação e progresso. Estas crianças necessitam de um ensino individualizado, para que seja adaptado aos seus ritmos de aprendizagem mais rápidos. Ainda assim, o acesso a recursos adicionais de informação, nomeadamente áreas de conhecimento que definem o seu interesse, a oportunidade de aplicar as suas competências na resolução de problemas e efetuar investigações tornará as crianças mais motivadoras e ativas (Ministério da Educação, 1998).

No que se refere às características gerais das crianças sobredotadas, Serra realça que:

Alguns comportamentos e desempenhos das crianças sobredotadas podem indicar, desde os primeiros anos da sua infância, capacidades superiores, tais como: o andarem e falarem mais cedo, serem mais perspicazes e aprenderem muito rapidamente, ou revelarem, doutras formas, que estão mais avançadas relativamente às crianças da sua idade. Nos testes de aptidão escolar estas crianças atingem, muitas vezes, resultados acima da média (Serra, 2004, p. 17).

Ao longo dos anos, as características consideradas na descrição da criança sobredotada foram acompanhando a própria evolução do conceito de sobredotação. Atualmente reconhece-se a heterogeneidade de características, bem como a existência de vários tipos de sobredotação. Assim sendo, as crianças sobredotadas apresentam, tal como as outras crianças, diferenças que as caracterizam, por isso não se pode dizer que existe um perfil único de sobredotado. De forma a ficarmos a perceber melhor estas características, é apresentado um quadro que, segundo a (APCS, 1987), a criança sobredotada tem:

Características
1. Forte sentido de observação; Receptividade natural; sentido do que é importante; vontade de examinar o que não é comum.
2. Poder de abstracção, de conceptualização e de síntese; interesse pela aprendizagem indutiva e pela resolução de problemas; prazer na actividade intelectual.
3. Interesse pelas relações causa/efeito, capacidade de se relacionar; interesse pela aplicação de conceitos; gosto pela verdade.
4. Gosto pela estruturação e ordem, gosto pela uniformidade, como em sistemas de valor, sistemas numéricos, relógios, calendários.
5. Retentividade.

6. Competência verbal; muito vocabulário; facilidade de expressão; interesse pela leitura; maior informação em áreas avançadas.
7. Atitude interrogativa, curiosidade intelectual, pensamento indagador, motivação intrínseca.
8. Pensamento crítico; cepticismo; testes de avaliação; auto-crítica e auto-verificação.
9. Criatividade e espírito inventivo; gosto por novas maneiras de fazer coisas, interesse pela criatividade, agitação e confusão de espírito, liberdade criativa.
10. Poder de concentração; atenção exclusiva (que exclui tudo o resto); períodos de atenção mais longos.
11. Persistência, comportamento dirigido para os seus objectivos.
12. Sensibilidade, intuição; empatia com os outros; necessidade de apoio emocional e atitude complacente, envolvimento do Ego, necessidade de coragem.
13. Energia, perspicácia e vivacidade, períodos de esforço voluntário intenso precedendo a invenção.
14. Independência no trabalho e no estudo; preferência pelo trabalho individual, autoconfiança; necessidade de liberdade de acção e de movimentos; necessidades de viver isolado.
15. Versatilidade e virtuosidade; diversidade de interesses e de capacidades muitos hobbies; competências em formas de Arte tais como a música e o de sonho.
16. Amizade e afastamento.

Quadro nº1 - Características da criança sobredotada (APCS, 1987, pp. 40-42)

Deste modo, após uma análise a este quadro, verificamos que a realidade das crianças sobredotadas é complexa. Consegue-se perceber que, apesar destas apresentarem inúmeras competências, também vivenciam algumas frustrações, anseios e medos, devido a alguns fatores que já foram referenciados anteriormente, tais como, necessidades emocionais, sociais, cognitivas e educacionais.

Portanto, apercebemo-nos que, muitos desses problemas e dificuldades sentidas pelas crianças sobredotadas, se centram na área sócio emocional. Assim, as propostas de intervenção neste grupo de crianças precisam de incluir, além do desenvolvimento de aspetos unicamente cognitivos, componentes interpessoais e intrapessoais que devem promover o desenvolvimento sócio emocional, com a finalidade de desenvolver a autoconsciência, aprender a lidar com as suas emoções e as dos outros e ainda desenvolver a capacidade de automotivação.

3.1 *UM PERFIL DA CRIANÇA GLOBALMENTE SOBREDOTADA: SINAIS MAIS PRECOSES*

Na perspectiva de Ellen Winner (1996), as qualidades que se seguem caracterizam, de uma forma geral, as crianças globalmente sobredotadas, portadoras de um Q.I. muito elevado. Maioria dos pais repara, em pelo menos alguns destes sinais, antes dos filhos terem atingido os cinco anos.

Os sinais mais precoces

Relativamente à Atenção e Memória de Reconhecimento, Ellen Winner refere que:

Estas crianças revelam sinais de vivacidade e longos períodos de atenção desde a mais tenra idade e reconhecem prematuramente quem cuida delas. Esta observação ultrapassa, potencialmente, a subjectividade que possa estar contida nos testemunhos dos pais. Os estudos demonstraram a existência de uma relação entre memória de reconhecimento, dos 4 aos 7 meses, e os resultados da avaliação da inteligência verbal, aos 7 anos (Winner, 1996, p. 39).

A preferência por novidades

As crianças mais pequenas aborrecem-se com um conjunto visual repetitivo e querem ver algo de novo. São estas crianças que obtêm os resultados mais elevados aos 2 anos.

Desenvolvimento físico motor

Crianças com um Q. I. elevado, que revelam uma sobredotação académica, são precoces relativamente ao desenvolvimento físico na primeira infância: sentam-se, gatinham e andam vários meses antes do que é normal.

Linguagem oral

As crianças sobredotadas começam a falar desde muito cedo, passando muitas vezes de palavras simples para frases complexas. Possuem um vocabulário extenso e uma grande bagagem de conhecimentos verbais.

Reações exageradas

Estas crianças reagem de forma intensa e anormal ao barulho, à dor e à frustração.

3.2 OS CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Existem atualmente dois critérios de identificação de crianças sobredotadas: os critérios objetivos e os critérios subjetivos.

Os critérios objetivos dizem respeito a "comportamentos observados" e os critérios subjetivos são referentes a comportamentos do "sujeito observador".

Critérios objetivos

Segundo Falcão (1992), relativamente aos critérios objetivos de conceptualização e identificação dos sobredotados, podem referir-se quatro perspectivas apresentadas pelos seguintes autores:

1. Mielinck apresenta como critérios os seguintes comportamentos:
 - Precocidade do desenvolvimento físico;
 - Grande interesse pela leitura e por jogos complexos;
 - Agilidade mental;
 - Curiosidade e ambições profissionais elevadas;
 - Preferência de companhia de pessoas de idade mais avançada.

2. Freehill salienta:
 - Capacidade de transferir conhecimentos;
 - Capacidade de modificar a experiência em situações novas;
 - Capacidade de perceber relações, de fazer associações, de organizar e coordenar ideias;
 - Interesse por conhecimentos mais amplos.

3. Dunlop apresenta:
 - Rapidez para aprendizagens;
 - Vocabulário rico;
 - Boa memória;
 - Pensamento claro e preciso;
 - Senso de humor;
 - Perseverança no trabalho e em atividades do próprio interesse.

4. Dorothy Sisk menciona:
 - Concentração;
 - Criatividade;

- Independência de pensamento;
- Chamada de atenção sobre si mesmo;
- Alto nível de inteligência;
- Grande quantidade de informação;
- Poder criativo;
- Responsabilidade;
- Curiosidade;
- Gosto de aceitar desafios.

São quatro as perspectivas de "comportamentos observáveis" que, como podemos verificar, variam de autor para autor.

Uma crítica apresentada a estas perspectivas é que talvez apresentem comportamentos um pouco estereotipados, não tendo em atenção a diversidade de fatores que interferem sobre a conduta humana. Isto é, estas características deviam ter sido elaboradas especificamente para cada contexto sociocultural, tendo em conta os valores das condutas esperadas para cada cultura e que levam as crianças sobredotadas a revelar certos padrões de comportamento mais virados para o rendimento escolar; para a liderança ou até mesmo para a produção criativa.

Critérios subjetivos

Segundo Falcão (1992), no que concerne aos critérios subjetivos, destacam-se:

A própria criança

Consiste na autoidentificação pela própria criança, realizada como resposta a perguntas que lhe são feitas sobre os seus passatempos, os seus interesses, as atividades que desenvolve dentro ou fora da escola, as formas de pensamento preferidas, as suas reações, os seus jogos, etc.

Os companheiros

Traduz-se na identificação pelos seus colegas e pela visão que eles têm de si. Assim como a autoidentificação pode ser dirigida por uma série de perguntas, também a heteroavaliação pode ser feita da mesma forma.

Os pais

Os dados fornecidos pelos próprios pais são fundamentais, face aos condicionalismos familiares e à importância que estes têm no desenvolvimento das

potencialidades das crianças sobredotadas. No entanto, deverão existir precauções, porque estes dados poderão ser afetados pelo envolvimento afetivo.

Os educadores

São também fundamentais os dados fornecidos pelos educadores. Ainda assim, torna-se complicado a identificação para o educador, quando este não utiliza para o efeito uma definição operacional de sobredotado e apenas avalia as crianças de uma forma livre.

Como conclusão, é frequente identificar as crianças sobredotadas considerando unicamente um dos critérios referenciados, não tendo em conta o nível socioeconómico, a idade, critérios de triagem, adequação de instrumentos, diferenças do contexto sociocultural, etc.

4 O PAPEL DO EDUCADOR RELATIVAMENTE AO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Em relação à educação, Guenther defende que:

Educadores, de uma forma geral, mantêm uma relação do tipo amor-e-ódio para com seus alunos mais dotados e capazes, isto é, eles os admiram, mas também os temem, desejam ajudá-los a crescer e se desenvolver, mas ao mesmo tempo querem mantê-los dentro de limites do manejável e sob alguma forma de controle (Guenther, 2000, pp. 59-60).

Esta citação revela o sentimento ambivalente que a convivência com a criança sobredotada pode frequentemente despertar num educador. Estas opiniões e atitudes estão intimamente relacionadas com a forma de conduzir a prática educativa. Convém, na realidade, que o educador procure adotar posturas flexíveis e facilitadoras, a fim de tornar o ambiente não-diretivo, recetivo a novas ideias e à expressão dos talentos da criança. Desta forma, conseguem promover-se atividades educativas mais estimulantes e com inovações didáticas, onde a criatividade vai combater a monotonia usualmente ocasionada por técnicas tradicionais.

É importante que o educador tenha a consciência que pode desempenhar um papel decisivo na vida da criança, pois poderá propiciar uma diferenciação pedagógica e desenvolver atividades de enriquecimento.

Segundo Falcão (1992), ser educador de uma criança sobredotada implica deparar-se quer com situações de desafio, pois estamos a falar de crianças

naturalmente curiosas, enriquecedoras, instáveis e, por vezes, agressivas, já que psicologicamente um educador nem sempre está preparado para a enfrentar. Por estes motivos é importante traçar um perfil para estes educadores.

Desta forma, Falcão (1992), enumera alguns atributos específicos que o educador deverá ter: a criatividade, que deve ser utilizada na diversificação de materiais de aprendizagem e no planeamento de situações educativas; demonstrar entusiasmo pela individualização do processo de ensino/aprendizagem; conhecer a psicologia dos sobredotados; ter uma variedade de recursos pessoais no controlo do grupo; mostrar disponibilidade para uma relação educativa; estar motivado para realizar inovações a nível didático e adotar uma metodologia flexível.

No entanto, o desconhecimento desta problemática da sobredotação leva muitos educadores a acreditar que estas crianças não precisam de um atendimento específico e que aprendem facilmente rápido e sozinhos. Assim, verifica-se que estes não reconhecem a necessidade de um apoio adequado e específico para as mesmas. Por isso mesmo, é importante que todos os educadores possuam formação e adquiram alguns conhecimentos sobre a sobredotação e também na área da psicologia, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Sem dúvida que a questão primordial é a seguinte: De que forma deve um educador atuar em sala, relativamente ao comportamento das crianças sobredotadas?

O primeiro passo que o educador deve dar é procurar observar as diferenças de aprendizagem, uma vez que acontecem a um ritmo bastante acelerado. Outros aspetos relevantes são, nomeadamente, a capacidade de raciocínio, um tipo de vocabulário mais preciso e a maturidade de conhecimentos. Como tal, todos estes aspetos são consideráveis, visto que o educador tem que perceber quais são as características de uma criança sobredotada e também é fulcral perceber a realidade das mesmas.

Para isso, o educador deve atentar, naquelas crianças que se destacam pela rapidez, pela forma pouco comum de resolver problemas, pelo conhecimento amplo sobre alguns temas e ainda pelo vocabulário vasto que possuem.

Desta forma, o educador deve desafiar a criança em termos de desenvolvimento, para que os seus potenciais não se percam. Para isso, é essencial que o seu cérebro receba a estimulação precisa, como tal para atuarmos da melhor maneira, Serra (2004), propõe algumas sugestões para os educadores relativamente ao:

Domínio da aprendizagem

- Estar ciente do papel do educador como facilitador e orientador de toda a aprendizagem da criança sobredotada;
- Respeitar o ritmo de aprendizagem, não interrompendo as atividades e permitindo que, caso as conclua primeiro do que o grupo passe para uma outra;
- Colocar questões pertinentes e originais, que o façam pensar e construir as respostas;
- Estimular o espírito observador, exercitando-o através de livros, imagens, visitas ao exterior, situações do dia-a-dia, filmes, etc.

Domínio da motivação

- Não “exigir” que cumpra uma tarefa, se esta não for estimulante;
- Minimizar, ao máximo, o uso da repetição, evitando que a criança se desinteresse e se desmotive;
- Debater assuntos do seu interesse;
- Elogiar e reconhecer o seu trabalho;
- Alimentar o espírito autocrítico, para que defina elevados níveis de qualidade e perfeição.

Domínio da criatividade

- Aceitar as suas ideias e soluções para os problemas e perguntas que são, na maioria, invulgares, peculiares e inteligentes;
- Criar situações problemáticas, motivando a procura de resolução;
- Respeitar o ritmo de execução das tarefas que se propõe realizar, procurando não interromper antes de serem dadas como concluídas;
- Responder com a maior precisão e clareza possível às suas questões, normalmente pertinentes, incentivando a que questione sempre mais e melhor.

Domínio da liderança

- Aumentar a autoconfiança face às crianças da sua idade e aos adultos, nomeadamente através de jogos e situações de trabalho em grupo que lidere;
- Fazer sentir que é bem aceite pelos colegas, elogiando o seu trabalho e incentivando o resto do grupo a que também o faça;
- Provocar situações que permitam um intercâmbio de opiniões entre ele e as outras crianças, de forma a identificar a riqueza da partilha e do intercâmbio de opiniões;

- Aumentar o grau de responsabilidade, fazendo-o cumprir o que compromete fazer;

- Dar oportunidade para assumir vários papéis na interação com o grupo.

Domínio das atividades artísticas

- Facultar e promover a possibilidade de utilização de novas técnicas e materiais;
- Fomentar o gosto pela produção de trabalhos originais, equilibrados e harmoniosos;

- Promover o interesse pelo trabalho dos colegas e vice-versa, recorrendo ao elogio mútuo;

- Incentivar a manter uma atitude crítica em relação ao seu próprio trabalho, fixando e reformulando elevados níveis de qualidade.

Domínio das características musicais e dramáticas

- Criar momentos em que lhe seja pedido que responda, através de movimentos corporais, ao ritmo da música, desenvolvendo-lhe a sensibilidade musical;

- Incentivar a participação em dramatizações (histórias, fantoches, teatro de sombras, etc.) encarnando múltiplas personagens, dando-lhe ainda a liberdade de improvisar;

- Solicitar, com frequência, que conte uma história ou faça o relato de uma situação.

Domínio da comunicação

- Sensibilizá-lo para a importância da utilização de um vocabulário preciso, perceptível e rico, ajudando-o também no seu processo de enriquecimento, para que seja entendido por todos;

- Gerar situações de “debate” entre colegas de grupo;

- Criar e promover situações em que lhe seja solicitada a utilização de palavras com significados próximos, recorrendo a sinónimos, palavras com o mesmo som, mas com significados diferentes, em atividades dirigidas ou espontâneas.

Domínio do planeamento

- Deixar que seja ele a organizar e estruturar o seu trabalho;

- Levá-lo a prever os passos necessários à obtenção de um produto final;

- Ajudá-lo a identificar as limitações do espaço e de tempo aquando da elaboração de uma determinada tarefa;

- Estimulá-lo à utilização de vários métodos e meios alternativos para atingir determinado objetivo.

Deste modo, constata-se que é da responsabilidade do educador e da escola propiciar estímulos, desenvolver aprendizagens e capacidades, de forma a alcançar novos desafios e conhecimentos.

Para isso, Serra (2000) sugere alguns conselhos e algumas atitudes que os educadores devem ter e outros que deverão evitar perante a presença de crianças sobredotadas.

Educadores Devem	Não Devem
- Estar atentos e observar a criança nos diferentes domínios e momentos da sua vida diária;	- Propor tarefas rotineiras e/ou não desafiantes;
- Confrontar as suas observações com informações fornecidas pelos pais;	- Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo;
- Recorrer a técnicos especializados na área em que a criança mostra mais aptidões para desenvolver melhor as suas capacidades (maiores e menores);	- Sentir-se “ameaçados” pelo seu nível de conhecimentos e tipos de questionamentos;
- Fazer formação para adequar as metodologias às necessidades da criança;	- Tirar conclusões unicamente a partir de um determinado tipo de dados;
- Promover constantemente a sua integração social;	- Utilizar metodologias pouco diversificadas;
- Manter o contacto frequente com os pais da criança;	- Criar expectativas exageradas, nem subvalorizar a situação;
- Praticar a diferenciação positiva;	- Exibir a criança e os seus dotes;
- Promover um clima de confiança entre o educador e a criança;	- Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo mais rapidamente (embora, por vezes, se torne cansativo);
- Suscitar a curiosidade da criança e estimular a criatividade e a fantasia;	- Impedir que a criança coloque questões pertinentes e exponha o seu ponto de vista;

Quadro nº 2 - Conselhos e algumas atitudes que os educadores devem e não devem ter Adaptado de (Serra, "Projeto Sábados Diferentes: Um Programa de Apoio ao Desenvolvimento Pessoal e Social de crianças sobredotadas" in Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio, 2000)

5. INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

5.1 A INADAPTAÇÃO ESCOLAR DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

De um modo geral, o sobredotado é visto como alguém que revela um desempenho elevado em todas as suas atividades e aprendizagens, ou alguém que revela um talento especial para uma ou várias expressões artísticas (música, teatro, pintura, etc). É alguém que possui uma inteligência superior, devidamente atestada por resultados obtidos em testes de inteligência.

Visto deste modo, poderíamos pensar que não haveria razão para se ter um cuidado particular relativamente ao seu desempenho e à sua aprendizagem. Todavia, a partir de alguns profissionais da educação, bem como a comunidade científica, sabe-se que isto não corresponde à realidade, pois estas crianças sentem várias dificuldades ao longo do seu percurso escolar. Desta forma, pode comprovar-se, que a sobredotação não é, por si, garantia de sucesso.

De acordo com Falcão (1992), as crianças sobredotadas podem estar inadaptadas à escola, bem como a escola à criança, podem estar tão ou mais inadaptadas que as crianças com deficiência, porque tanto uma como outra são "crianças diferentes".

Curiosamente, existe uma crença popular, ou seja, um mito, que considera que os sobredotados foram todos "rudes" na infância, baseando-se tal posição no facto de que, muitos deles e com muito talento fracassaram na escola. Porém, pode dizer-se que não foi o sobredotado que fracassou, mas sim todos, a escola, a família e a criança.

Escola e criança sobredotada, criança sobredotada e escola, duas realidades que por vezes podem estar em choque. Assim sendo, pode verificar-se, que as crianças sobredotadas são "crianças diferentes". O não reconhecimento de tal facto pode gerar situações de conflito entre a escola e a criança, de maneira a poder considerar-se que os sobredotados são crianças inadaptadas. (Falcão, 1992)

Segundo Falcão (1992) demonstra-se o seguinte exemplo:

O caso do Rui

O Rui não tinha um ano quando começou a andar, aos dois anos balbuciava como quem lê um livro, aos três anos desentranhava imagens estranhas de histórias, aos quatro anos lia, fazia cabeça adições e subtrações, quis aprender a jogar xadrez e "era preciso estar atento para não perder com ele" - diz o seu pai. Na escola, uma viragem: o Rui que até aí fora "vivo mas controlado", torna-se agressivo, isola-se, "parece que só está bem a fazer mal". Chamada a analisar o caso, a psicóloga do colégio analisa e diagnostica: o Rui é um sobredotado, provam-no os testes (Raul Marques citado por Falcão, 1992, p. 107).

Todavia, é importante referir, que o não-atendimento adequado à criança sobredotada, como criança diferente que é, pode originar problemas de adaptação.

Muitas vezes, o não-atendimento advém desconhecimento daquele facto real, de contestações não democráticas, ou do desrespeito pelo princípio da igualdade de oportunidades.

5.2 ESTILO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Aprendizagem com um mínimo de instruções

Na maioria dos casos, este tipo de crianças aprendem com pouca ajuda ou apoio dos adultos. Apenas necessitam de ter acesso a um domínio do conhecimento, assim como, através dos livros ou dos adultos, e alguém que responda, frequentemente, às suas questões.

Todavia, estas crianças não só aprendem rapidamente, como também aprendem e pensam de maneira diferente das outras crianças.

Curiosidade

As crianças com um Q.I. elevado são intelectualmente curiosas e fazem perguntas complexas. Quando se deparam com um problema, querem investigá-lo e insistem até estarem satisfeitas com a informação disponível.

Persistência e concentração

Estas crianças revelam grande persistência e concentração quando estão interessadas em algo.

Energia

Estas crianças possuem elevados níveis de energia, que não só lhes permitem concentrar-se quando são desafiadas, mas também podem conduzi-las à hiperatividade quando são insuficientemente estimuladas. Determinados pais chegaram à conclusão, que os seus filhos necessitavam de menos sono do que a maior parte das crianças da mesma idade.

Consciência «Metacognitiva»

Conscientes das suas estratégias de resolução de problemas, estas crianças sabem usá-las para solucionar problemas recentes, que aparentemente, parecem não ter relação.

Interesses obsessivos

Desenvolvem interesses quase obsessivos em áreas específicas, assim como, a informática, a mitologia grega ou a vulcanologia, tornando-se peritas nestes domínios.

5.3 APTIDÕES RELACIONADAS COM A ESCOLA

A leitura

Frequentemente, estas crianças iniciam a leitura por volta dos quatro anos, muitas delas até mesmo antes e aprendem-no com um mínimo de instruções. Esta foi uma das poucas aptidões que as diferenciou das outras crianças do estudo de Terman, com um Q.I. igual ou superior a 170. É normal que tais crianças tenham uma capacidade de leitura a nível do sexto ano de escolaridade, na idade do jardim-de-infância. Também ter tendência por lerem de forma voraz, devorando os livros.

Os números

Sentem-se extremamente fascinados pelos números e pelas relações numéricas.

Memória

Estas crianças são portadoras de memórias prodigiosas para conhecimentos verbais e matemáticos.

Raciocínio lógico e abstrato

São exímias no raciocínio lógico e abstrato.

Redação manual

Apesar de gostarem de escrever, têm muitas vezes, dificuldades em fazê-lo à mão e preferem a dactilografia a computador. Às vezes, existe um desfasamento entre as aptidões verbais precoces e a redação manual, pelo facto de poderem pensar mais rapidamente do que conseguem escrever ou falar e aborrecem-se com o objetivo de terem de se mostrar cuidadosas.

Os aspetos sociais

Brincadeira solitária

Estas crianças brincam, muitas vezes, sozinhas e gostam da solidão, não porque gostam de o fazer, mas porque têm um número reduzido de pessoas com quem brincar,

que partilhem dos mesmos interesses. Estas crianças sentem-se diferentes e estão plenamente conscientes da sua inadaptação.

Preferência pela companhia de crianças mais velhas

Quando encontram pessoas com quem conviver, essas pessoas são normalmente pessoas mais velhas, que lhes estão mais próximas ao nível da idade mental.

Os aspetos afetivos

Preocupações filosóficas e morais

Interessam-se por questões filosóficas e preocupam-se com problemas políticos e morais, assim como a existência do mal no mundo, a ameaça de guerra nuclear ou a destruição do meio ambiente. Ficam dominadas por tais preocupações e tomam atitudes morais não muito comuns, tal como tornarem-se vegetarianas, apesar de os pais não o serem.

Sentido de humor

Como resultado das suas aptidões verbais, estas crianças são, frequentemente, descritas como sendo portadoras de um ótimo sentido de humor.

Segundo Ellen Winner (1996) Phyllis Greenacre deu conta de descrições deste género de experiências em relatos autobiográficos de algumas pessoas importantes, a quem chamou sobredotadas, apesar de não ter usado o termo inteligência ou Q.I. (Winner, 1996, p. 43)

6. AS CRIANÇAS SOBREDOTADAS E A FAMÍLIA

“A qualidade positiva das relações familiares é elemento determinante para a motivação e sucesso nas aprendizagens” (Fernandes, 2015, p. 35).

Em 1º lugar, a família deve encontrar formas de proporcionar o enriquecimento da vida da criança, pela presença e disponibilidade, pelos estímulos oferecidos, pelas relações afetivas estabelecidas, constituindo-se estes, como fatores imprescindíveis para se conseguir uma boa e equilibrada estimulação do seu potencial.

De um modo geral a criança sobredotada é vista como alguém que tem capacidades acima da média, revelando assim interesse e sucesso nas suas aprendizagens. No entanto, estas crianças necessitam de um grande apoio por parte dos pais, principalmente a nível afetivo, para que assim se crie uma relação

harmoniosa e enriquecedora estimulação. Sendo que estas ainda são crianças e não adultas, precisam de amor, carinho, atenção e sobretudo controlo, pois apesar de serem bastante autónomas e independentes precisam na mesma do acompanhamento do adulto e da estimulação por parte do mesmo.

É sabido que cada criança é única nos seus traços de personalidade e que a sua evolução é marcada pelo contexto social e familiar. Como todas as outras crianças, vai ter os seus pontos fortes e os seus pontos fracos, mas o seu modo de funcionamento, essencialmente baseado no lado afetivo, vai exacerbar e condicionar um grande número das suas reações. Estar consciente disto vai permitir-lhe antecipar as reações da criança e adaptar, em certa medida, a sua forma de atuar. A ideia é que os pais se apoiem no conhecimento destes diferentes fatores, a fim de valorizar os aspetos positivos, tornando-os no elemento-motor, e que tenham em conta os aspetos negativos para levar a criança a aceitá-los e a aprender a geri-los por si própria, no seu quotidiano. A ação dos pais inscreve-se, pois, num trabalho de fundo, de longa duração (Fernandes, 2015, p. 37).

Assim sendo, a família precisa de ajuda para compreender e poder assegurar o futuro dos seus filhos. Ou seja, terá de haver uma cooperação entre a família e a escola, de maneira a ajudar as crianças sobredotadas a usar e desenvolver as suas capacidades.

Posto isto, a família deve procurar compreender o porquê das atitudes e comportamentos dos seus filhos e procurar saber como agir no quotidiano perante estas situações, de forma a melhorar o dia-a-dia do seu filho e evitar estes mesmos comportamentos, uma vez que não são adequados nem para a criança, nem para os pais.

Para isso, Fernandes (2015) sugere aos pais alguns aspetos indispensáveis e pertinentes que devem considerar nos seus quotidianos perante a presença das crianças sobredotadas:

- Estar atento e dialogar: escute, antecipe, analise;
- Estabelecer uma relação de confiança: não superproteja, mas «esteja ao lado» para garantir a segurança afetiva no seu crescer;
- Ser reativo e proativo, intervindo em situações stressantes que não pode gerir, mas em que lhe cabe dar um sinal «forte»;
- Ser paciente, firme e coerente;
- Saber colocar claramente os limites;
- Dar provas de entusiasmo e de humor;
- Saber «confiar» e distanciar-se;

- Ser corajoso e otimista;

Segundo Fernandes (2015) importa terem muito próximas estas ideias, porque agirão com mais segurança, serenidade e prontidão:

- O vosso filho é uma criança «de extremos», vive todas as experiências intensamente e isso pode desestabilizar tudo à sua volta;
- Têm de cuidar da sua adaptação e integração no mundo, cuidando de garantir que isso aconteça sem abdicar da sua identidade e atendendo à natureza profunda das suas características e necessidades;
- Têm de proporcionar-lhe ambientes seguros e acolhedores, graças à existência de limites firmes; importa saber dizer «não» sempre que for essencial para a segurança da criança;
- Tenham presente que a criatividade, o jogo e o humor facilitarão a vida quotidiana da criança;
- Devem procurar a ajuda de uma associação, ir a conferências, obter apoio e orientação para algumas das decisões a tomar.

É de extrema importância que os pais tenham conhecimento das características dos filhos sobredotados, das suas capacidades e necessidades específicas, bem como das suas dificuldades ao nível da adaptação, de forma a poderem incentivar os seus filhos e assumir atitudes positivas que os favoreçam.

A criança sobredotada poderá também originar conflitos familiares, tanto a nível das relações entre o casal, como filiais e de comunicação. Como tal, é necessário o reforço do vínculo das relações familiares. Estes vínculos contribuirão para a aceitação da diferença. A família deve prestar atenção à criança, pondo de lado os preconceitos, e proporcionando aos seus filhos condições diversificadas e estimulantes (Boas & Peixoto, 2003, p. 65).

Os pais devem, primeiro, estar informados sobre o conceito e consequências da sobredotação, de modo a que possam definir as necessidades e metas educacionais dos seus filhos. Existe uma diversidade de capacidades, mas também de processos de acesso ao conhecimento, tendo em conta a multiplicidade dos modelos culturais, sociais ou intelectuais das nossas sociedades. A família, para além da escola, deverá potenciar o desenvolvimento da criança, criando, para isso, oportunidades em que ela possa expandir todo o seu potencial. Os pais, em conjunto com a escola, contribuem para o crescimento harmonioso da criança de modo a que esta possa atingir as suas potencialidades.

São extremamente importantes as condições ambientais para favorecer o desenvolvimento do potencial humano. Tal como as instituições educacionais, a escola e a família devem criar oportunidades para o desenvolvimento do potencial da criança.

Os pais partilham, em conjunto com a escola, a inalienável responsabilidade de ajudar os filhos a crescer e a atingir o máximo das suas capacidades. O modo de conjugação funcional escola/pais está relacionado com o sucesso ou fracasso educacional das crianças sobredotadas.

É extremamente importante, que os pais conheçam muito bem as capacidades dos seus filhos. Para isso é fundamental uma entrevista com o professor/educador. Alguns pais conhecem tais capacidades dos seus filhos, mas mostram-se apáticos, ou porque não se sentem perfeitamente preparados para enfrentar uma criança "especial", ou porque não sabem o que fazer, transmitindo, deste modo, sentimentos de insegurança.

É muito provável que o filho confunda esta falta de atuação com recusa, o que o leva a sentir-se sem motivação e pouco disposto a aperfeiçoar-se. Neste caso, é necessário falar com os encarregados de educação sobre as capacidades dos seus filhos e sugerir-lhes modos de lidar com o seu desenvolvimento.

Por outro lado, também existem pais, muito conscientes dos dotes dos seus filhos, acabando por lhes exigir demasiado. Isto pode pressionar as crianças que, para agradar-lhes, tentam alcançar metas impossíveis, o que as leva a mostrarem-se nervosas. Perante este caso é necessário discutir com os pais sobre as diferentes aptidões dos seus filhos e ajudá-los a compreender o que podem e não podem esperar deles.

Como a criança parece "especial", há pais que exigem para ela um tratamento diferente, acreditando que não precisam de ensinar-lhe nada nem de exigir-lhe esforço.

A verdade é que a criança sobredotada necessita de atenção, de orientação e estímulo dos seus pais para poder explorar e desenvolver os seus talentos. Neste caso, há que ajudar os pais a compreender como os seus estímulos afetam os seus filhos. Sugerir-lhes pequenos projetos para que os ponham em prática em casa e estimulem os seus talentos específicos. Importa também ensinar os pais a elogiar os seus filhos, tendo sempre em atenção as possibilidades de cada um.

6.1. UMA POSIÇÃO ESPECIAL NA FAMÍLIA

Frequentemente é habitual dizer-se que as crianças sobredotadas são pressionadas pelos pais demasiado ambiciosos. Crê-se que as crianças cujos pais as obrigam a obterem bons resultados, desde muito cedo, podem tornar-se adolescentes

revoltados, deprimidos e desocupados, perdendo todo o interesse no desempenho futuro. Os pais são, muitas vezes, aconselhados pelos psicólogos a não interferirem e a deixá-las brincar à vontade como as crianças normais.

Os sobredotados ocupam um lugar especial no seio da família. Na perspectiva de Kirk & Gallacher (1991) a associação entre uma infância sobredotada, bem como a eminência do adulto e a posição especial no seio da família deve ser explicada em termos ambientais e não como uma vantagem genética. Talvez possamos explicar este fenómeno em termos de motivação. Os filhos primogénitos passam os seus primeiros anos numa posição de destaque, que perdem quando nasce um irmão. Assim sendo, podem ser levados a alcançar melhores resultados para que recuperem a posição de centralidade perdida.

O que é que se pode pensar, relativamente, aos filhos únicos, que nunca perdem uma posição especial? Os filhos únicos recebem mais estimulação por parte dos pais numa idade precoce, do que as crianças que nascem em famílias em que já existem irmãos. Os filhos que nascem mais tarde passam mais tempo na companhia de outras crianças. O facto de se receber maior estimulação por parte dos adultos pode conduzir a uma vantagem cognitiva.

As crianças sobredotadas crescem num meio enriquecido, interessante, variado e estimulante. São portadoras de casas cheias de livros e começam a ler numa idade precoce. São levadas, pelas famílias, a museus e a concertos. Os pais não lhes falam de um modo infantil, mas envolvem-nos em conversas complexas desde muito cedo.

O nível de educação que os pais possuem desempenha um papel importante no desenvolvimento das aptidões de uma criança, porque os pais com formação têm os meios e o desejo de proporcionarem um ambiente enriquecido. Contudo, as famílias dos sobredotados não têm todas um nível de instrução muito elevado.

A sobredotação pode, no entanto, desenvolver-se no seio de famílias com poucos recursos, desde que essas mesmas famílias valorizem, acima de tudo, a educação. Estes pais mostram-se atentos às necessidades das crianças, proporcionando-lhes estímulos e oportunidades de leitura, de jogos de conversarem. Existem famílias com um nível socioeconómico e com um grau de instrução muito baixo que valorizam a educação e o êxito, tal como existem famílias que têm altos rendimentos que não investem muito na educação dos filhos, que não proporcionam ambientes enriquecidos que permitem que os filhos passem a maior parte do tempo em frente à televisão ou no centro comercial. Contudo sabemos que as famílias com nível socioeconómico baixo terão menos possibilidades de fornecer aos filhos estímulos variados do que as famílias com nível socioeconómico elevado.

Assim, existe uma associação entre sobredotação e um meio familiar enriquecido. Este tipo de ambiente desempenha igualmente um papel fundamental no desenvolvimento normal da criança, o qual poderá ser prejudicado se o meio for particularmente pobre.

CAPÍTULO II - OPÇÕES METODOLÓGICAS

Metodologia

O presente capítulo organiza-se em cinco partes. A primeira parte refere-se aos objetivos da temática em estudo. De seguida, é apresentado o contexto de investigação. O quarto tópico refere-se aos participantes do estudo e por último, são descritos e fundamentados os instrumentos de recolha e análise de dados que sustentam o estudo.

1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Para se realizar uma investigação é necessário focarmo-nos num objetivo a atingir. A pergunta de partida é a linha orientadora de todo o estudo, pois esta deverá ser clara e precisa. Assim Raymond & Luc Van defendem que:

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projecto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. (Raymond & Luc Van, 2017, p. 44)

Desta forma, o foco desta investigação é responder à pergunta de partida: “O que pode o educador de infância fazer para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional?”.

Partindo desta questão, esta investigação tem como finalidade compreender o papel do educador de infância na resposta às necessidades da criança com precocidade excecional. Assim surge como objetivo geral - compreender quais as estratégias utilizadas pelas educadoras de infância para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional. No sentido de complementar o objetivo geral deste estudo, delimitamos os seguintes objetivos específicos: averiguar o conceito que as educadoras de infância têm de sobredotação; saber a sua opinião acerca das necessidades e características das crianças sobredotadas e perceber o que as educadoras de infância podem fazer para responder a essas mesmas necessidades das crianças sobredotadas, em contexto de sala.

2. CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

A presente investigação foi realizada durante a Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar. A prática pedagógica decorreu em duas instituições, na primeira instituição foi efetuado o estágio profissionalizante em educação pré-escolar, o estágio decorreu numa IPSS, no concelho de Matosinhos. O edifício onde se encontra esta instituição não foi construído para o fim que se encontra atualmente, apesar disso, o edifício tem sofrido algumas alterações e melhorias e está adaptado e apto para o fim que se destina atualmente. Embora o edifício pertença à Segurança Social, a gestão dos serviços é da responsabilidade da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia (Projeto Educativo, s/d).

Relativamente ao meio físico interno da instituição, este está organizado em dois andares, é constituído por: uma sala de coordenação, uma sala de reuniões, um átrio com portaria e secretaria, uma enfermaria, quatro salas de creche, cinco salas de jardim-de-infância, uma sala de ATL, um polivalente, cinco dormitórios, três refeitórios, uma cozinha, uma copa de leites, duas copas, duas salas de mudas, dois vestiários de adultos, cinco vestiários de crianças, duas salas de receção de crianças, uma lavandaria, uma sala de teatro, um atelier de cozinha, uma sala de apoio, uma sala de inglês, uma sala de informática, uma sala de ciências, três arrecadações para material de teatro e salas de arrumos.

Quanto ao meio físico externo da instituição, este está organizado com um campo de jogos, uma zona com brinquedos (escorregas, baloiços, estruturas físicas para trepar, etc.), uma zona de areia, uma horta, uma capoeira, um WC, uma arrecadação de jardinagem, uma arrecadação de brinquedos de exterior, uma arrecadação de materiais diversos, um ecoponto e, por último, escadas de emergência.

As salas da instituição estão divididas da seguinte forma, uma sala de quatro meses a um ano (12 crianças), uma sala de um ano (18 crianças), duas salas de dois anos (20/23 crianças), uma sala de três anos (25 crianças) duas salas de quatro anos (22/25 crianças), e duas salas de cinco anos (18/24 crianças). Esta instituição tem nove educadoras, doze auxiliares de educação, quatro auxiliares de limpeza de frações educativas, quatro auxiliares de limpeza, uma cozinheira, duas ajudantes de cozinha, duas auxiliares de limpeza, uma operadora de lavandaria, uma auxiliar de limpeza e uma coordenadora.

Cada sala funciona com uma certa autonomia, com exceção ao que se refere a espaços comuns, para os quais foram estabelecidas regras e horários a respeitar.

Nesta instituição existem várias atividades curriculares sendo elas: inglês e jogos de motricidade para as salas de quatro, cinco anos e ATL. Existem também várias

atividades extracurriculares para as salas de três, quatro, cinco anos e ATL, que são pagas individualmente, não sendo incluídas na mensalidade, nomeadamente, Informática, Karaté, Capoeira, Ballet, Dança, Música, Xadrez e Visitas de estudo.

A instituição tem inscritas 265 crianças divididas por rês valências: Creche, Jardim de Infância e ATL e funciona entre as 07:30h da manhã e 19:00 da tarde.

No que diz respeito à segunda instituição em que decorreu o estágio profissionalizante, na valência de Creche, pode dizer-se que esta também é uma IPSS, situada na cidade do Porto. A instituição apoia a comunidade envolvente, prestando educação, formação e bem-estar. Esta instituição está situada numa área de intervenção, situada na união de freguesias históricas da cidade do Porto (Cedofeita, Vitória, Miragaia, São Nicolau, Sé e Santo Ildefonso). Ainda neste local encontra-se um Tribunal de Família e menores. Um dos pontos principais e atrativos perto desta instituição é a Avenida da Boavista e a Casa da Música, considerada uma das mais movimentadas da cidade do Porto.

Esta instituição integra duas valências, creche e educação pré-escolar, que têm como objetivos específicos o acompanhamento da infância, estimulando o pleno desenvolvimento da criança em função das suas necessidades, colaborando com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança. A Creche/ Berçário tem capacidade máxima de 36 crianças, distribuídas por três salas, das quais: Berçário: 8 crianças, com idades compreendidas entre os 4 meses de idade e a aquisição de marcha; Sala 1 ano: 10 crianças, com idades compreendidas entre a idade de aquisição da marcha e os 24 meses; Sala 2 anos: 18 crianças com idades compreendidas entre os 24 e 36 meses (Regulamento Interno, 2015, p.4).

A respeito do meio físico interno da instituição, a creche/berçário situa-se num piso único que encontra-se repartido pelas duas valências existentes na instituição, das quais a valência de Creche e de Jardim de Infância com capacidade total para 86 crianças. Sendo que a valência de Jardim de Infância encontra-se dividida por duas salas heterogéneas, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade.

Quanto ao meio físico externo da instituição, o qual é partilhado por ambas as valências está organizado com uma zona de brinquedos (escorregas, baloiços, estruturas físicas para trepar, etc.), uma zona de areia e uma horta. Importa ainda referir que todas as salas têm ligação direta ao exterior. Os espaços interiores e as salas estão organizados de acordo com as potencialidades de mobilidade das crianças nas suas fases de desenvolvimento, com estímulos adequados para uma maior perceção do espaço como um todo tridimensional. Os estímulos estão, por exemplo, no berçário ao nível do gatinhar mas também no teto, para que as crianças possam vivenciar as noções espaciais que integram o crescimento e a sua visão do mundo. Desta forma se propicia

um mapeamento mental mais alargado dos recursos sensoriais e das inúmeras relações entre a matéria e os materiais (Projeto Pedagógico, 2015, p.11).

No que diz respeito ao tempo das refeições, a sala de 1 e 2 anos almoça no refeitório juntamente com as crianças da valência de jardim-de-infância, enquanto que o berçário tem o seu espaço de refeição na sala para maior conforto. Os espaços que são partilhados por ambas as valências são nomeadamente: o refeitório, o polivalente, a sala de Reuniões, a sala de Atividades e ainda o espaço exterior.

Em relação ao seu horário de funcionamento é de Segunda a Sexta-feira, entre as 08h00 da manhã e as 19h00 da tarde. Nesta instituição valorizam os momentos de chegada e de partida, porque sabem que a separação e o reencontro podem ser difíceis tanto para crianças como para pais.

Em contexto de creche torna-se necessário ter em conta que as crianças não possuem, ainda, a noção de tempo. Por forma a reduzir a ansiedade, o educador procura adotar algumas estratégias, como por exemplo: Dar as boas vindas e fazer as despedidas calmamente de forma a tranquilizar crianças e pais; Reconhecer os sentimentos das crianças e dos pais acerca da separação e do reencontro; Seguir os indícios das crianças sobre o querer entrar e sair das atividades; Comunicar abertamente com as crianças sobre as chegadas e partidas dos pais; Trocar informações e observações com os pais sobre as crianças (Projeto Pedagógico, 2015, p.14).

Em suma, todo o trabalho desenvolvido tanto na creche, como no pré-escolar tem como grande objetivo promover o desenvolvimento integral da criança ao nível sócio afetivo, cognitivo e psicomotor, valorizando acima de tudo as relações pecuniosas e estimulantes entre as crianças e os adultos.

3. MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO

Para procedermos à recolha e análise de dados, o investigador terá que investigar vários procedimentos ao longo do seu estudo e perceber qual será o instrumento e a metodologia mais adequada à sua investigação.

Relativamente à investigação em educação esta admite as seguintes metodologias: quantitativa, qualitativa e mista. A metodologia quantitativa apresenta objetivos com o intuito de verificar determinados resultados.

Em relação à metodologia quantitativa para Serapioni (2000), as características mais relevantes do estudo quantitativo são nomeadamente a orientação para a quantificação e a causa dos fenómenos; A ausência de preocupação com a subjetividade; A utilização de métodos controlados; A objetividade procurada através de um distanciamento em relação aos dados; A diretriz para a verificação; A natureza hipotético-dedutiva; A orientação para os resultados; A replicabilidade e possibilidade de generalização e a assunção da realidade como estática. Isto é, a metodologia quantitativa recorre à linguagem matemática como forma de descrever situações de forma objetiva, ou seja, através das relações entre variáveis.

Quanto à metodologia qualitativa, segundo Pardal & Lopes (2011), “privilegia na análise, o caso singular e operações que não impliquem quantificação e medida” (Pardal & Lopes, 2011, p. 19). Assim, a metodologia qualitativa procura, com base em análises abertas, descobrir processos explicativos dos fenómenos em estudo, pois temos presente a utilização de texto como um material empírico. Ou seja, o estudo desta metodologia está interessada nas perspetivas dos participantes.

Deste modo, atendendo aos objetivos de pesquisa, neste estudo é utilizada a metodologia mista, ou seja, não é privilegiada nenhuma das componentes: qualitativa ou quantitativa. Desta forma, ao longo de toda a análise do instrumento utilizado, tanto está presente uma metodologia quantitativa como qualitativa. De acordo com Creswel & Clark (2013):

A pesquisa de métodos mistos é um projeto de pesquisa com suposições filosóficas e também com métodos de investigação. Como uma metodologia, ela envolve suposições filosóficas que guiam a direção da coleta e da análise e a mistura das abordagens qualitativa e quantitativa em muitas fases do processo de pesquisa. Como um método, ela concentra-se em coletar, analisar e misturar dados quantitativos e qualitativos num único estudo ou numa série de estudos. Em combinação, proporciona um melhor entendimento dos problemas de pesquisa do que cada uma das abordagens isoladamente. (Creswel & Clark, 2013, p. 22)

Para complementar este estudo foi necessário um segundo método para melhorar um método primário. Assim podemos constatar que estes dois métodos combinam-se,

de forma que um prevaleça sobre o outro ao mesmo tempo, de maneira que complementam-se na apresentação dos resultados.

Segundo Creswel & Clark (2013) as vantagens da utilização desta metodologia são, nomeadamente, proporcionar mais evidências para o estudo de um problema de pesquisa do que a pesquisa quantitativa ou qualitativa isoladamente, ajudar a responder a perguntas que não podem ser respondidas apenas com um dos métodos: quantitativo ou qualitativo e harmonizar a ponte entre a divisão, às vezes, antagónica entre os investigadores quantitativos e qualitativos.

4. PARTICIPANTES DA INVESTIGAÇÃO

Nesta investigação obtivemos a colaboração das educadoras de infância de ambas as instituições, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. Neste estudo, no total, participaram 13 educadoras de infância.

Podemos mencionar que, na primeira instituição, do concelho de Matosinhos, o inquérito por questionário foi entregue a 9 educadoras de infância, mas apenas 8 inquiridas responderam ao mesmo.

Relativamente à segunda instituição, situada no concelho do Porto, o inquérito por questionário foi entregue a 6 educadoras de infância, porém somente 5 inquiridas é que responderam.

Estes participantes compõem a amostra da nossa investigação, visto que segundo Almeida & Freire (2003), a definição da amostra representa um aspeto essencial numa investigação.

5. INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Os instrumentos de recolha de dados revelam-se fundamentais, na medida em que ajudam o investigador a compreender melhor os dados que este, inicialmente, recolheu. A seleção dos instrumentos de recolha de dados deve ser cuidada. Assim, para a realização desta investigação optou-se pelo inquérito por questionário.

Ao sugerirmos a aplicação de um questionário, temos em consideração todas as suas vantagens, nomeadamente obtemos respostas rápidas e precisas, o anonimato e sobretudo a facilidade de tratamento de dados, mas, também encontramos inconvenientes, que são: impossibilitar o esclarecimento de dúvidas ao inquirido e o facto de uma questão poder influenciar a outra.

Desta forma, o inquérito por questionário segundo Quivy e Campenhoudt (2017) consta em colocar, a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo duma população, uma série de perguntas relativas à sua situação profissional, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas ou sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento e face a algum problema ou acontecimento do interesse do investigador.

Neste sentido, o instrumento utilizado e mais adequado para o presente estudo foi nomeadamente o inquérito por questionário, pois permite recolher dados que posteriormente serão analisados. Um questionário é um “Instrumento de recolha de informação, preenchido pelo informante, o questionário constitui seguramente a técnica de recolha de dados mais utilizada no âmbito da investigação sociológica” (Pardal & Lopes, 2011, p. 73). Deste modo, segundo Pardal & Lopes (2011), o questionário tem vantagens, uma vez que:

Comparado com os outros instrumentos de recolha de dados, o questionário, suscetível de ser administrado a uma amostra lata do universo, mesmo quando remetido pelo correio, é barato; garante, em princípio, o anonimato, condição necessária para a autenticidade das respostas; por fim não precisa de ser respondido de imediato, permitindo ao inquirido a escolha da hora mais adequada para o efeito. (Pardal & Lopes, 2011, p. 74)

Assim sendo, neste inquérito por questionário, existem duas modalidades de questões, as de resposta aberta, onde os inquiridos manifestam a sua opinião e as questões de resposta fechada, onde os inquiridos apenas têm de selecionar as opções de resposta que lhe são dadas.

Portanto, a realização das questões deve ser coerente, de maneira a que os inquiridos interpretem facilmente as mesmas e que não haja margem para dúvida. Quanto à formulação do questionário, este deve conter uma série de perguntas

organizadas segundo uma determinada ordem e deverão ser de fácil compreensão, para que não se torne confuso para o inquirido e este responda genuinamente.

A construção deste questionário foi baseada em toda a teoria consultada e apresentada anteriormente. Este questionário foi pensado e aplicado no âmbito da Educação Pré-Escolar e teve por objetivo a recolha de dados para a presente investigação. A sua finalidade foi nomeadamente compreender o papel do educador de infância na resposta às necessidades da criança com precocidade excepcional. Após a construção do inquérito por questionário, foi efetuado um pré-teste por especialistas na temática e após esta aplicação, reformularam-se algumas questões, para que não houvesse dificuldades na compreensão.

O questionário foi entregue pessoalmente, pela investigadora a todas as educadoras de infância e foi relatada a informação por administração direta, visto que foi o próprio inquirido que o preencheu. “Chama-se de administração direta quando é o próprio inquirido que o preenche. O questionário é-lhe então entregue em mão por um inquiridor encarregado de dar todas as explicações úteis, ou endereçado indirectamente pelo correio ou por qualquer outro meio” (Raymond & Luc Van, 2017, p. 188). O inquérito por questionário foi escolhido por ser o mais adequado ao estudo deste tema, tanto pela sua rapidez, como pela autonomia dos inquiridos.

Por último, este inquérito por questionário está organizado por categorias e subcategorias e é através desta categorização que a análise do questionário se guiou. Assim sendo, o quadro que se segue apresenta essas mesmas categorias e subcategorias presentes no inquérito por questionário.

Relativamente à análise de dados, esta dividiu-se em duas partes. Uma parte teve a ver com a construção de tabelas e de gráficos para as respostas às questões fechadas e assim, através dos dados quantitativos, pudemos realçar aspetos elucidativos, quando visualizados graficamente. “A estatística descritiva aproveita-se da comunicação gráfica, precisamente pela possibilidade que tem de realçar aspetos significativos e padrões de comportamento dos fenómenos em estudo” (Pardal & Lopes, 2011, p. 139). A outra parte, relativa aos dados qualitativos, foi realizada através da análise de conteúdo das respostas às questões abertas do inquérito por questionário, o qual assenta num registo mais pormenorizado, para assim termos uma compreensão mais aprofundada. “A análise de conteúdo é um instrumento de análise das comunicações. Tem à sua disposição um conjunto variado de técnicas/procedimentos adaptáveis e aplicáveis a um campo alargado de análise – no âmbito de diferentes linguagens, verbal e visual” (Pardal & Lopes, 2011, p. 93).

Categorias	Subcategorias	Descrição
Conceito	Definição	Descrever o conceito de sobredotação.
Experiência da educadora com crianças sobredotadas	Contacto	Saber se teve contacto com crianças sobredotadas, em contexto de sala.
	Reação	Descrever a forma como reagiu.
	Sucesso	Perceber se o caso foi bem-sucedido.
	Diagnóstico	Perceber se a criança foi diagnosticada.
Intervenção da educadora	Intervenção relativa às necessidades da criança	Descrever de que modo poderá intervir para colmatar as necessidades de uma criança sobredotada.
	Medidas para combater o desinteresse da criança nas atividades	Saber quais são as medidas que os profissionais de educação tomam ao realizar a planificação.
Criança sobredotada	Necessidades	Saber se as crianças têm necessidades educativas específicas, no que diz respeito ao ambiente de uma sala.
	Desempenho	Perceber se a criança desempenha sempre um bom rendimento.
	Intervenção diferenciada	Perceber se a criança precisa de uma intervenção diferenciada.
	Estratégias	Descrever quais são as estratégias de intervenção.
	Integração	Saber se a criança sobredotada se integra bem no grupo.

	Características	Descrever quais são as características notórias nestas crianças.
	Referenciação	Descrever os sinais que identificariam para a referenciar como sobredotada.

Quadro nº3 – Quadro Categórico

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo irão descrever-se os dados recolhidos através da realização dos inquéritos por questionário.

Tabela nº 1 – Género dos educadores

Masculino	0%
Feminino	100%

Tabela nº 1 – Género dos educadores

A nossa amostra é constituída por 13 educadores de infância. Como é possível observar na tabela, todos os indivíduos inquiridos são do género feminino, (100%).

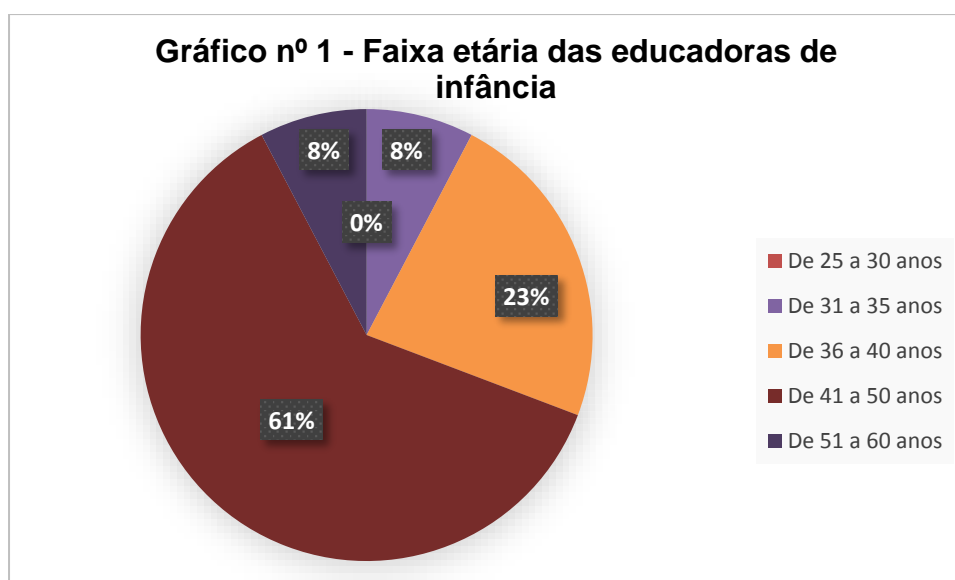


Gráfico nº 1 - Faixa etária das educadoras de infância

Neste gráfico estão presentes as idades dos inquiridos e os intervalos específicos: de 25 a 30 anos, de 31 a 35 anos, de 36 a 40 anos, de 41 a 50 anos e de 51 a 60 anos. Assim sendo, concluímos que a idade predominante das educadoras de infância varia entre 41 e os 50 anos, com 61%, seguindo-se as educadoras entre os 36 e os 40 anos, com 23% e as restantes têm entre 31 a 35 anos e 51 a 60 anos, (8%).

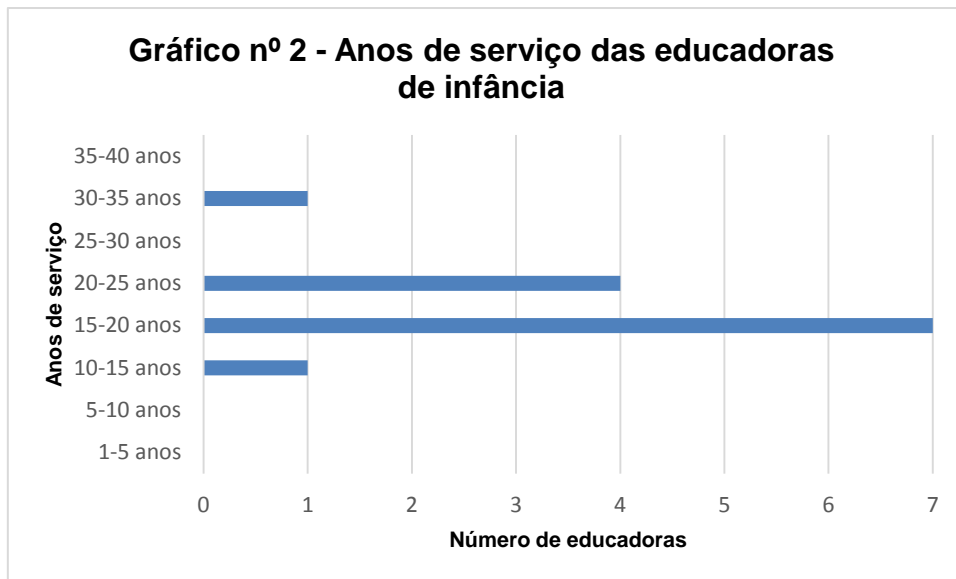


Gráfico nº 2 - Anos de serviço das educadoras de infância

O presente gráfico apresenta os anos de serviço dos inquiridos, ao qual podemos observar que a maioria das educadoras, 7, tem entre 15-20 anos de serviço, seguindo 4 educadoras entre os 20-25 anos de serviço, 1 educadora entre os 10-15 anos e, por último, 1 educadora entre os 30-35 anos de serviço.

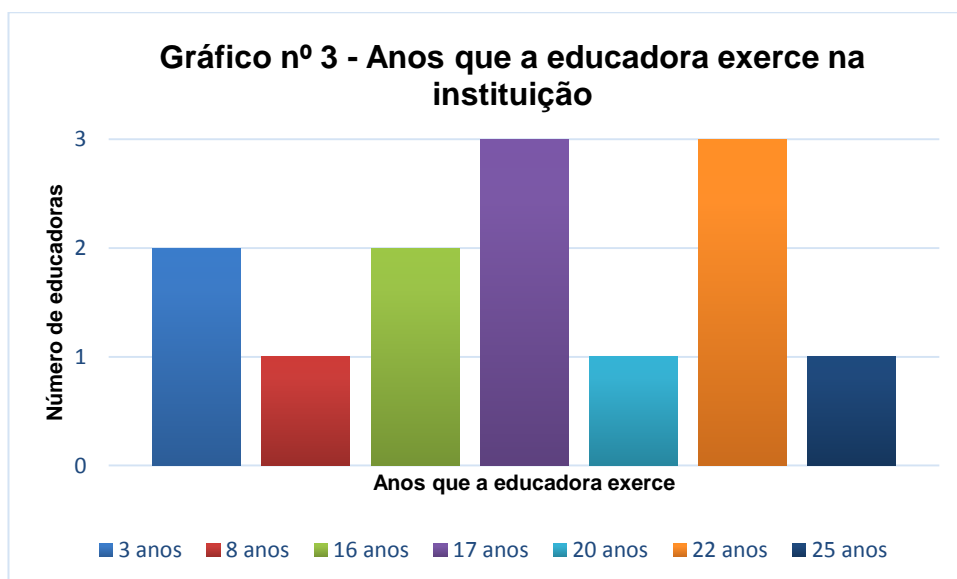


Gráfico nº 3 - Anos que a educadora exerce na instituição

Neste gráfico podemos observar há quantos anos é que as educadoras exercem a sua profissão na instituição presente. Deste modo, podemos constatar que três das educadoras já exercem a sua profissão naquela instituição há 17 anos, outras três exercem há 22 anos, duas educadoras exercem há 16 anos, outras duas há 3 anos e

por último, temos uma educadora que exerce há 8 anos, outra educadora que exerce há 20 anos e por fim uma educadora exerce há 25 anos.

Tabela nº 2 – Instituição de ensino

Pública	0%
Privada	0%
I.P.S.S	100%

Tabela nº 2 – Instituição de ensino

Podemos verificar que 100% das inquiridas, 13 educadoras, trabalham numa I.P.S.S.

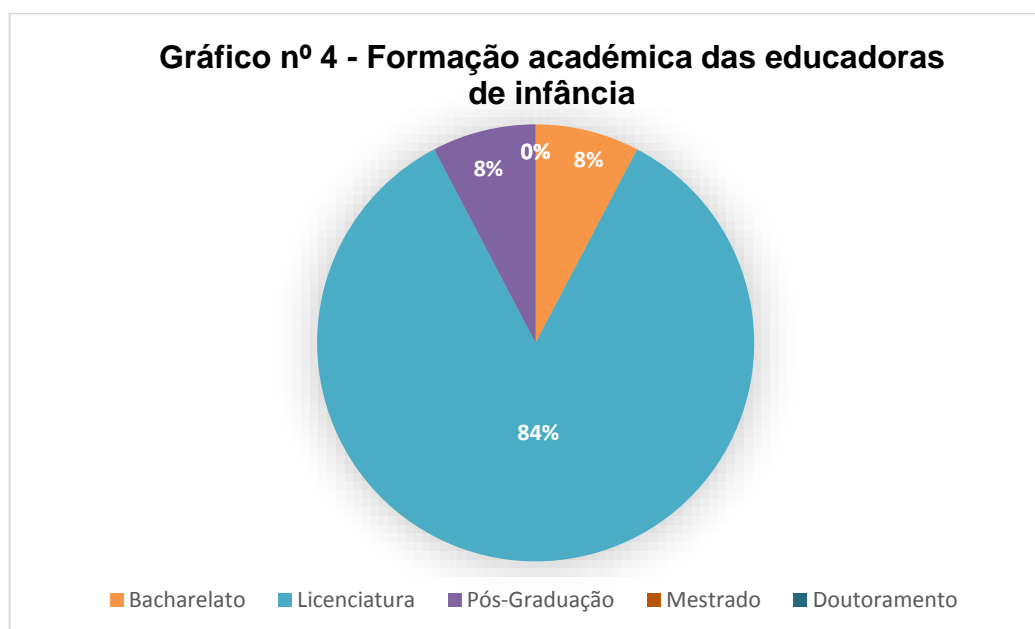


Gráfico nº 4 - Formação académica das educadoras de infância

No gráfico respetivo à formação académica das educadoras de infância, é possível observar que a formação académica que predomina, com 84%, é a Licenciatura, enquanto que 8% das educadoras tem apenas o Bacharelato e 8% concluiu a sua formação académica com a Licenciatura, mas depois tirou uma Pós-Graduação em Educação Especial (inquirido L).

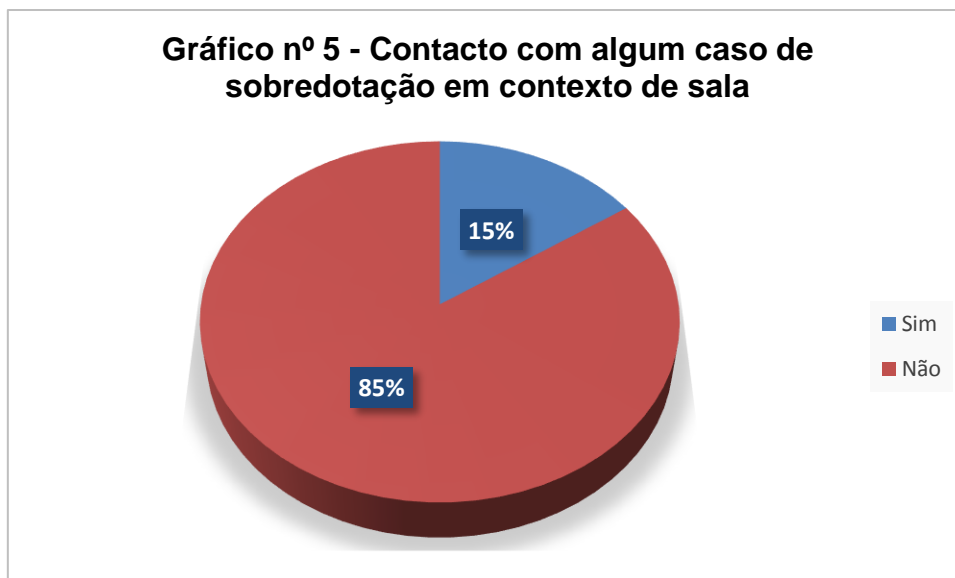


Gráfico nº 5 – Contacto com algum caso de sobredotação em contexto de sala

Um dos objetivos da colocação desta questão aos inquiridos foi perceber se já tinham tido contacto com algum caso de sobredotação em contexto de sala. Assim sendo, após uma análise ao gráfico presente podemos constatar que 85% dos inquiridos não teve nenhum contacto e 15% teve um caso de sobredotação em contexto de sala.

Tabela nº 3 – Sucesso do caso

Sim	100%
Não	0%

Tabela nº 3 – Sucesso do caso

No que diz respeito ao sucesso do caso, podemos observar na tabela que 100% dos educadores de infância afirmaram que o caso foi bem-sucedido (o inquirido A e o inquirido I).

Tabela nº 4 – Diagnóstico da criança

Sim	0%
Não	100%

Tabela nº 4 – Diagnóstico da criança

Após sabermos se o caso foi bem-sucedido, importa também saber se a criança foi diagnosticada. Então esta questão teve como objetivo perceber se teve diagnóstico e quem o realizou. Assim sendo, ao analisar a tabela verificamos que 100% dos inquiridos respondeu que não teve diagnóstico (o inquirido A e o inquirido I).

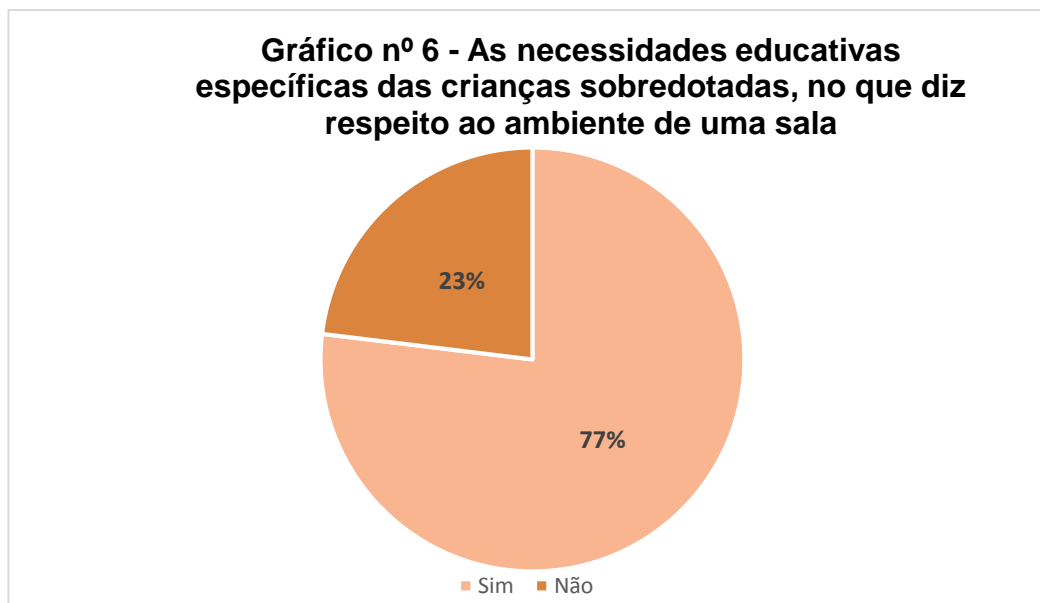


Gráfico nº 6 – As necessidades educativas específicas das crianças sobredotadas, no que diz respeito ao ambiente de uma sala

Relativamente ao gráfico nº6, podemos observar que 77% dos inquiridos responderam que as crianças sobredotadas têm necessidades educativas específicas no que diz respeito ao ambiente de uma sala, no entanto os restantes inquiridos, 23% afirmaram que as crianças sobredotadas não apresentam quaisquer necessidades.

Destes 77% dos inquiridos, alguns mencionaram algumas necessidades educativas das crianças sobredotadas e para colmatar estas necessidades sugeriram algumas medidas fundamentais para prevenir o insucesso destas crianças.

Então decidiram mencionar o que pode o educador de infância fazer para colmatar estas necessidades, nomeadamente: “Proporcionar oportunidades para desenvolver experiências desafiadoras e criar um ambiente estimulante.” (Inquirido C); “O currículo deverá ser adequado, tendo em conta as características específicas de cada criança e as áreas que manifestam maior interesse para a criança, de maneira a que as atividades sejam trabalhadas com maior criatividade e motivação” (Inquirido H).



Gráfico nº 7 – A criança desempenha sempre um bom rendimento

O gráfico nº 7 apresenta os resultados obtidos das respostas dos inquiridos relativamente ao bom rendimento da criança sobredotada. Desta forma, 77% dos inqueridos respondeu que a criança não desempenha sempre um bom rendimento, pois também tem as suas dificuldades. Porém, 23% dos inquiridos respondeu que a criança sobredotada desempenha sempre um bom rendimento.

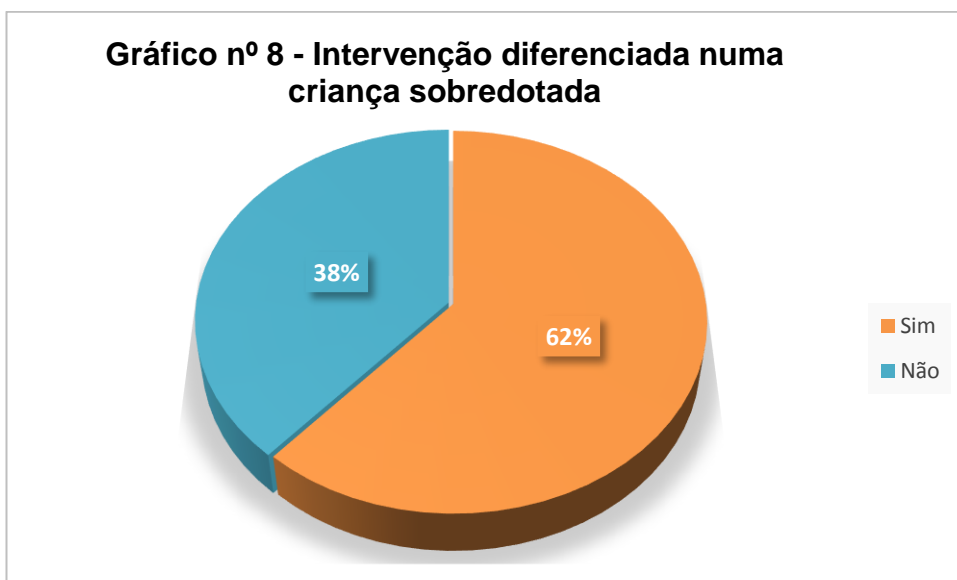


Gráfico nº 8 - Intervenção diferenciada numa criança sobredotada

O presente gráfico apresenta os resultados obtidos das respostas dos inquiridos relativamente ao facto de a criança sobredotada precisar de uma intervenção

diferenciada. Neste sentido, 62% dos inquiridos responderam que a criança necessita de uma intervenção diferenciada. No entanto, 38% dos inquiridos responderam que a criança sobredotada não precisa de uma intervenção diferenciada.

Segundo a justificação dos mesmos é pertinente arranjar múltiplas estratégias, para que as crianças sobredotadas não se sintam inúteis e frustradas. Então os inquiridos mencionaram: “é necessário motivar a criança, possibilitá-la a assumir responsabilidades, fazer com que ela participe na planificação das atividades” (Inquirido A), uma vez que “ao utilizar uma variedade de estratégias, estimula as potencialidades da criança, ajuda a desenvolver a sua criatividade e a projeta-la no futuro” (Inquirido C).

Tabela nº 5 – Planificação de acordo com o caso da criança sobredotada

Sim	100%
Não	0%

Tabela nº 5 – Planificação de acordo com o caso da criança sobredotada

Ao analisar a tabela é possível constatar que 100% dos inquiridos tem em conta o caso da criança sobredotada quando realiza a planificação. Deste modo, justificaram que ao ter em atenção a criança sobredotada o que fizeram de diferente foi propor atividades diferenciadas, “tendo em atenção os interesses da criança” (Inquirido B) e “o grau de dificuldade das atividades, nunca exigir mais do que a criança pode dar” (Inquirido C). Assim sendo, as crianças são todas diferentes e cada uma tem as suas necessidades específicas. Posto isto, “na elaboração da minha planificação criava atividades do interesse e gosto da criança, aumentando o grau de dificuldade superior à sua idade e à do grupo, para que desta forma a criança se motivasse na realização das mesmas.” (Inquirido H)

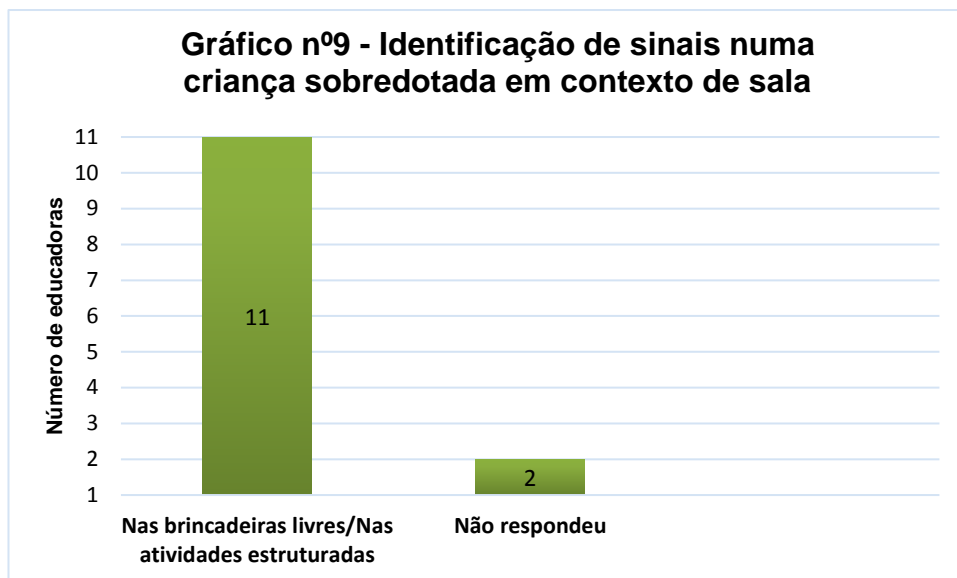


Gráfico nº 9 – Identificação de sinais numa criança sobredotada em contexto de sala

No gráfico nº 9, é possível comprovar que 11 dos inquiridos responderam que identificam sinais numa criança sobredotada, tanto nas brincadeiras livre, como nas atividades estruturadas, ou seja, que em ambas as situações as crianças demonstram as suas características e necessidades. Contudo, dois dos inquiridos não responderam à questão.

2. DISCUSSÃO DOS DADOS APRESENTADOS

Neste capítulo irá ser realizada a discussão dos dados apresentados. Para isso foram analisados os questionários e as respetivas respostas das inquiridas, assim como a opinião de alguns autores, percebendo assim se as respostas das educadoras vão de encontro ao que os autores defendem.

A definição de sobredotação é complexa, uma vez que ao tentar encontrar uma resposta, deparamos com imensas dificuldades. A questão que se coloca relativamente à problemática da sobredotação é saber qual o conceito de sobredotado e o que queremos dizer quando nos referimos a uma criança sobredotada, como foi referido anteriormente. Após uma análise cuidada às respostas das inquiridas, constatamos que a definição de sobredotado para as educadoras é o facto de uma criança ter capacidades ou habilidades apresentadas acima da média.

Desta forma, diz-se que não há unanimidade sobre o conceito de sobredotação, pois, segundo Serra (2004), a criança é vista como alguém que possui um conjunto de características pessoais, entre as quais se salientam: percepção e memória elevada, raciocínio rápido, habilidade para concetualizar e abstrair, flexibilidade de pensamento, originalidade e rapidez na resolução de problemas, grande concentração, fluência verbal, curiosidade, rapidez na aprendizagem, capacidade de observação e motivação intrínseca. Ou seja, no fundo uma criança sobredotada é aquela que se destaca dos seus pares, por um desempenho excepcional.

Relativamente à experiência com crianças sobredotadas, após uma análise específica às respostas, verificamos que não é frequente as educadoras da nossa amostra terem contacto com crianças sobredotadas ou com precocidade excepcional, visto que onze educadoras de infância não tiveram qualquer experiência na sua prática profissional com estas crianças. Deparamo-nos que sobre este tema estão pouco informadas e tiveram alguma dificuldade em responder às questões sugeridas, pois através das respostas denota-se uma falta de formação específica nesta área. Contudo, duas das educadoras referiram terem tido contacto um caso de sobredotação ao longo da sua atividade profissional.

Assim, no que diz respeito ao sucesso do caso, se foi bem-sucedido ou não, verificamos que 100% das inquiridas afirmaram que o caso foi bem-sucedido. Após sabermos se o caso foi bem-sucedido, foi importante também saber se a criança foi diagnosticada. Então esta questão teve como objetivo perceber se teve diagnóstico e quem o realizou. Assim sendo, ao analisar a tabela verificamos que 100% dos inquiridos respondeu que não teve diagnóstico, ou seja, significa que não existiu uma avaliação

complementar para realizar uma primeira sinalização, não tendo existido assim um diagnóstico. Assim sendo, podemos constatar que esta falta de diagnóstico e sinalização deve-se ao facto de quer as educadoras, quer os pais não estarem preparados para este tipo de casos e também por não terem disponíveis serviços especializados a quem possam recorrer na Instituição Educativa.

No que diz respeito à intervenção da educadora numa sala de Jardim-de-Infância, a maioria das educadoras afirmou que as crianças sobredotadas apresentam necessidades específicas, no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Neste sentido, as educadoras mencionaram algumas estratégias para conseguirem colmatar estas necessidades, nomeadamente proporcionar um ambiente educativo estimulante, rico e desafiante para a criança, de modo a criar interesse nas atividades sugeridas e implementar o pensamento criativo, de maneira a favorecer o seu desenvolvimento. Assim sendo, os profissionais de educação podem ser um instrumento de sucesso para estas crianças.

Um sistema educativo aberto à inovação e à diferença, investindo forte na contínua formação de agentes educativos de mentalidade renovada e inovadora, capazes de utilizar e acreditar em todas as suas capacidades criativas e de liderança para detectar nas crianças os seus pontos fortes e os pontos fracos de modo a, respeitando a individualidade de cada um, serem capazes estimular e desenvolver potencialidades latentes ou manifestadas através de um grande número de estratégias e técnicas podendo assim abranger o maior número possível de indivíduos nas suas características muito próprias (Silva, 1992, p. 47).

É também neste âmbito que as educadoras podem intervir de forma cuidada e tomar algumas medidas para combater o desinteresse da criança, no que se refere à realização das atividades. Assim sendo, as educadoras responderam que tinham em conta o caso da criança sobredotada no momento da realização da planificação e a maioria referiu que não sente dificuldades no planeamento das atividades. Desta forma, indicaram algumas medidas para que a criança, ao longo das atividades não se sinta insegura, desmotivada e frustrada. Deste modo, as inquiridas referiram que optariam por planificar as atividades juntamente com a criança e pedindo a sua ajuda para a construção das mesmas, de maneira a que esta se sentisse bem e integrada.

Segundo Serra (2004), as crianças sobredotadas têm as mesmas necessidades de aceitação, compreensão e orientação de qualquer outra criança. Como crianças que são também têm as suas dúvidas e inseguranças, como sobredotadas têm capacidades excepcionais a desenvolver. De facto, as inquiridas concordam que o educador deve planificar de acordo com a especificidade de cada criança, visto que as crianças têm capacidades diferentes nenhuma é igual à outra.

Quanto ao desempenho da criança sobredotada, a maioria das educadoras respondeu que, por ser uma criança sobredotada, não tem necessariamente que ter sempre um bom rendimento. Contudo algumas educadoras, 23% responderam que estas crianças têm sempre um bom rendimento. Porém concluiu-se que estas observações e respostas, referidas pelas educadoras, poderiam ser diferentes, caso estas tivessem tido experiência profissional com crianças sobredotadas. Como já foi referido anteriormente, maioria das educadoras, ou seja, onze inquiridas, não tiveram nenhum contacto com crianças sobredotadas e por isso responderam segundo o que conhecem. Segundo Boas & Peixoto (2003), existe o mito de que as crianças sobredotadas apresentarão, necessariamente, um bom desempenho escolar, mas, a sobredotação não é garantia de sucesso escolar.

Outro ponto fulcral na educação destas crianças é nomeadamente o ambiente em que estão inseridas, pois a forma como este se encontra organizado poderá alterar o comportamento da criança e poderá modificar a sua estrutura biológica e neurológica. Assim sendo, outra questão que se colocou aos inquiridos foi se consideravam que a criança sobredotada necessitava de uma intervenção diferenciada, ao qual obtivemos a maioria das respostas positiva. Assim, segundo as educadoras, para que a criança se sinta mais integrada nas suas tarefas indicaram algumas estratégias de intervenção que costumam implementar ou por iniciativa própria, ou por indicação de outros, tais como: pedir à criança ajuda para organizar o ambiente educativo, que ajude os seus colegas nas tarefas e nas atividades e para além deste envolvimento com a equipa pedagógica e com os seus colegas, atribuir-lhes também responsabilidades, de maneira a que se sintam valorizadas e motivadas.

Serra (2004) defende o ponto de vista das educadoras, pois segundo a autora, como educadores, devemos ter consciência da forma como organizamos o ambiente das crianças, pois devemos desafiar o indivíduo em termos de desenvolvimento, caso contrário, o seu crescimento pode estagnar e a criança perde grandes potenciais. Assim, podemos constatar que as estratégias apresentadas pelas educadoras que iriam implementar eram as que consideravam eficazes para o enriquecimento da criança, caso tivessem uma criança sobredotada.

Para complementar esta justificação das educadoras, Serra defende que:

A escola, sempre que possível deve implementar estratégias de diferenciação pedagógica, quer ao nível da organização e do planeamento do processo de ensino/aprendizagem dos alunos sobredotados, quer ao nível do desenvolvimento de competências sociais, promotoras do exercício da cidadania, na perspetiva do *aprender a viver juntos* (Serra, 2004, p. 39).

De seguida, questionamos as educadoras sobre a integração da criança face ao grupo, ao qual as inquiridas responderam que depende do ambiente em questão e do

próprio grupo, pois cabe ao educador criar momentos para que esta integração seja benéfica para a criança e para que socialmente esta se sinta acolhida e confiante. Segundo Boas & Peixoto (2003), estas crianças têm muitos problemas e dificuldades no que diz respeito à parte sócioemocional. Daí que as propostas de intervenção para que a criança se comece a relacionar melhor com o grupo deverão incluir propostas de desenvolvimento de aspetos cognitivos, componentes interpessoais e intrapessoais, de forma a promover também o desenvolvimento socioemocional.

Posto isto, as educadoras deverão trabalhar alguns aspetos característicos de uma criança sobredotada a par com a integração da criança no grupo. Pois estas dificuldades de integração devem-se ao facto destas crianças se isolarem muito e por sua vez, como se sentem rejeitadas, não interagem com o grupo. Portanto, a educadora deverá trabalhar e desenvolver na criança sobredotada algumas competências básicas, nomeadamente desenvolver a autoconfiança, competências de relacionamento interpessoal, aprender a lidar as emoções dos outros e também, essencialmente, aprender a lidar com as suas próprias emoções. Só assim é que a criança conseguirá adaptar-se ao grupo e a toda a equipa pedagógica.

Para que as educadoras consigam trabalhar com estas crianças e compreendê-las, terão primeiro de perceber o porque de certos comportamentos e atitudes por parte das mesmas. Outro aspeto fundamental, e que deveria fazer parte do conhecimento de todos os profissionais de educação é conhecerem as necessidades e as características das crianças sobredotadas, pois só desta maneira é que conseguirão promover o sucesso no crescimento e na educação destas crianças.

Deste modo, a maioria das educadoras, 77%, mencionou que as crianças têm necessidades educativas específicas e apenas 23% das inquiridas disseram que estas crianças não apresentam quaisquer necessidades. Porém, as respostas das educadoras não foram específicas e adequadas à pergunta, visto que em vez de indicarem as necessidades das crianças, referiram mais concretamente o que as educadoras poderiam fazer para colmatar as necessidades destas crianças em contexto de sala. Sendo assim, ao analisar as respostas das inquiridas verificou-se que estas não têm muito conhecimento sobre esta temática e sobretudo sentiram alguma dificuldade em compreender a questão e isso deve-se ao facto de não terem tido formação inicial e continua ao longo do seu percurso académico e também por não terem tido contacto direto com crianças sobredotadas.

Ao consultarmos a opinião de vários autores verificamos que Silva (1992), defende que tal como todas as crianças, os sobredotados também têm as suas necessidades e o direito a serem tratados como seres únicos. Este defende que:

Não têm culpa de o seu ritmo ser mais rápido e de apresentarem uma realização melhor, mais rápida e funcionarem de forma diferente da das outras crianças. Assim como se respeitam os ritmos mais lentos, também a mesma consideração tem de ser dada aos sobredotados. (Silva, 1992, p. 45)

Quanto às características mais notórias nas crianças sobredotadas, foi unânime a resposta das educadoras, uma vez que todas as inquiridas responderam a esta questão de acordo com os seus conhecimentos, referindo: ter uma inteligência acima da média, um pensamento crítico e criativo, ter um vasto conhecimento, demonstrar interesse e curiosidade por diversos assuntos, ser observador, persistente, ativo e independente. Desta forma, segundo Serra (2004), podemos averiguar que, comparando as características mencionadas pelas educadoras com o que a autora defende, ambas são idênticas, dado que a autora defende que as crianças sobredotadas têm capacidades superiores acima da média, desde os primeiros anos da sua infância, tais como: rapidez e facilidade de aprendizagem, flexibilidade de pensamento, produção de ideias, independência, capacidade para resolver problemas, entre outros.

Por último, relativamente à questão colocada às educadoras relativa a que sinais identificariam para referenciar uma criança como sobredotada, verificou-se que todas as inquiridas mencionaram ter um raciocínio superior à sua idade, mostrar curiosidade por temas relacionados com os adultos, terem um vocabulário rico e apropriado de um adulto e terem necessidades de participar e colocar questões continuamente. Contudo, segundo Silva (1992) só estas observações não chegam e por isso afirma que os profissionais de educação não têm competências suficientes para identificar uma criança sobredotada, uma vez que lhes falta formação e instrumentos para fazerem uma identificação adequada e atempada, apenas podem realizar um despiste e encaminhá-las para um psicólogo para que este aplique os testes específicos, analise e referencie a criança.

Segundo Silva (1992), a identificação do sobredotado requer uma especial dedicação e atenção, pois deverão procurar-se inúmeras informações, observações, comportamentos das crianças e depois então aplicar testes psicométricos. “Se não há o identificador ideal, melhor será entrar em linha de conta com todas as fontes de informação disponíveis e analisar cuidadosamente os dados. Esta, aliás, tem sido a postura mais recente no que concerne à identificação de sobredotados.” (Silva, 1992, p. 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como finalidade primeira chamar a atenção para a problemática da sobredotação, levantando algumas questões sobre as quais os educadores, os pais e toda a comunidade devem refletir, tanto mais que os educadores e a família têm um papel extremamente importante no desenvolvimento das crianças sobredotadas.

Como já foi referido anteriormente, não há consenso em relação ao conceito de sobredotação. Desta forma, ao longo da investigação, procurou provar-se que as crianças sobredotadas existem e que, tal como todas as outras crianças, também têm características e necessidades específicas.

Após diversas leituras de vários autores, salientamos, ao longo do estudo, certas ideias erradas que a sociedade tem acerca destas crianças, visto que persistem alguns mitos que ainda têm de ser clarificados. “A sensibilização da comunidade escolar para a problemática da sobredotação passa, em primeiro lugar, pela necessidade de descodificar um conjunto de premonições (mitos), vindo do senso comum, numa linguagem que decorre da realidade observada e consensualmente aceite” (Serra, O Aluno Sobredotado, 2004, p. 19). Tal como a autora menciona, a ideia que a sociedade ainda tem é que os sobredotados são excecionais em tudo e têm sempre bons resultados. Devemos refletir sobre este mito e, nesta investigação, conseguimos demonstrar que, de acordo com a perceção das educadoras de infância inquiridas, as crianças sobredotadas têm necessidades educativas específicas e que devem ser-lhes proporcionadas estratégias adequadas a estas.

De facto, ao longo deste estudo, constatamos que as educadoras de infância promovem um conjunto de estratégias, em contexto de sala, que permitem a inclusão das crianças sobredotadas no contexto educativo, de forma a valorizar e estimular as mesmas perante o grupo e toda a comunidade. Assim, as crianças sobredotadas devem ser identificadas e aceites como qualquer outra criança com necessidades específicas, pois têm os mesmos direitos de ser entendidas e atendidas, ao nível das suas capacidades e talentos, e o seu processo ensino-aprendizagem deve ser personalizado e único. Verificou-se também que os sobredotados exigem um maior acompanhamento por parte dos educadores e da família.

Desta forma, é importante salientar que, no decorrer desta investigação, se verificou que as crianças sobredotadas, de facto, não são talentosas em todas as áreas. Estas, por sua vez, têm muitas vezes problemas de adaptação e há falta de apoio específico por parte das educadoras de infância. Através da análise dos dados denotou-se falta de formação específica nesta área, pois verificou-se que as educadoras tinham

conhecimentos pouco cimentados e que tiveram alguma dificuldade em responder a determinadas questões colocadas. Portanto, conclui-se que as educadoras de infância, para conseguirem trabalhar, acompanhar e compreender estas crianças, terão primeiro que aprofundar os seus conhecimentos acerca desta temática e ainda possuírem formação ao nível da Educação Especial, de modo a poderem identificar e dar resposta às necessidades específicas de cada criança. Pois, só desta forma é que estarão mais preparadas para lidar adequadamente com estas crianças e que terão conhecimento das várias modalidades de intervenção a implementar junto das crianças sobredotadas.

De facto, verificamos que esta falta de formação das educadoras de infância condiciona a sua ação junto das crianças sobredotadas. Pois, se as educadoras tivessem mais conhecimento sobre a problemática da sobredotação e das características e necessidades destas crianças, a sua intervenção pedagógica, em relação às mesmas, seria mais eficaz para o seu desenvolvimento.

Assim sendo, tendo em conta a pergunta de partida do estudo - “O que pode o educador de infância fazer para responder às necessidades de uma criança com precocidade excecional?”, podemos constatar que, apesar de a maioria das educadores de infância inquiridas não ter a formação necessária e adequada nesta área, estas estão conscientes desta problemática e encontram-se sensibilizadas para a mesma. Estas profissionais de educação têm consciência que devem intervir no percurso destas crianças individualmente, conseguindo assim mencionar algumas soluções e estratégias educativas. Estas estratégias servem para responder às necessidades das crianças com precocidade excecional, contribuindo desta forma para um melhor desenvolvimento das mesmas.

Por fim, consideramos que estas estratégias adotadas pelas educadoras favorecem as potencialidades das crianças, contribuem para colmatar as suas lacunas e, sobretudo, para que estas se sintam bem com elas próprias, realizadas e com possibilidades de sucesso no seu percurso escolar. Para isso, o educador de infância deverá procurar observar as diferenças de aprendizagem, atender a essas diferenças, promover um clima de confiança e também a sua inclusão, tentando, deste modo, impedir que surja desmotivação por parte da criança sobredotada.

De acordo com Winner (1996, citado por Boas & Peixoto, 2003) “Nenhuma sociedade se pode dar ao luxo de ignorar os seus membros mais dotados, e todos devem pensar seriamente em como encorajar e educar esse talento” (Boas & Peixoto, 2003, p. 15).

Em suma, as crianças sobredotadas são acima de tudo crianças e, como tal, precisam de ser ajudadas a crescer, porque todas as crianças necessitam de conviver e de evoluir junto da sociedade, precisando de ser estimuladas e valorizadas.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, L. & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas (APCS). (1987). *Deixem-me passar - Orientações a pais e professores de Crianças Sobredotadas*. Porto: APCS.
- A.P. A. (2012). *Manual de publicação da APA* (6ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Boas, C. V. & Peixoto, L. M. (2003). *As crianças sobredotadas: conceito, características, intervenção educativa*. Braga: APPACDM de Braga.
- Cerqueira, T. A. (2006). *A criança sobredotada face à organização/funcionamento de uma sala de jardim de infância e a uma sala de 1º ciclo de Ensino Básico*. Trabalho de Pós graduação e Educação Especial, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Creswel, J. & Clark, V. (2013). *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso.
- Falcão, I. D. (1992). *Crianças Sobredotadas: que sucesso escolar?* Rio Tinto: ASA.
- Fernandes, A., Gomes, A., & Lima, M. (Coords.). (2016). *Educação especial em tese: 25 anos a formar professores*. Porto: ESEPF. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2319/1/ed_espe_tese_ebook.compressed.pdf
- Freitas, S. & Péres, S. (2012). *Altas habilidades/Superdotação: Atendimento especializado*. (2ª ed. Revista e Ampliada) Marília: ABPEE
- Gouveia, H. & Fernandes, A. S. (2016). Contributo dos programas de enriquecimento para o desenvolvimento de uma criança sobredotada. In A. Fernandes, A. Gomes, & M. Lima (Coords.). *Educação especial em tese: 25 anos a formar professores* (pp. 123-150). Porto: ESEPF. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2319/1/ed_espe_tese_ebook.compressed.pdf
- Guenther, Z. C. (2000). *Desenvolver Capacidades e Talentos*. Petrópolis: Vozes.
- Guenther, Z. C. (2011). *Caminhos para Desenvolver Potencial e Talento*. Lavras: UFLA

- Guenther, Z. C. (2012). *Crianças dotadas e talentosas... Não as deixem esperar mais!* Rio de Janeiro: LTC
- Gallagher, K. (1991). *Educação da Criança Excepcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Silva, I. L. (Coord.). (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME-DGE. Disponível em <http://www.dge.mec.pt/orientacoes-curriculares-para-educacao-pre-escolar>
- Ministério da Educação. (1998). *Crianças e Jovens Sobredotados - Intervenção Educativa*. Lisboa: ME- DEP.
- Pardal, L. & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Raymond, Q. & Luc Van, C. (2017). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192. doi <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100016>
- Serra, H. (2000). Projeto Sábados Diferentes: Um Programa de Apoio ao Desenvolvimento Pessoal e Social de crianças sobredotadas. In *Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS.
- Serra, H. (2004). *A Criança Sobredotada*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Serra, H. (2004). *O Aluno Sobredotado*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Serra, H. & Fernandes, A. (2015). *Será o meu filho sobredotado?* Porto: Porto Editora.
- Silva, M. E. (1992). *Sobredotados Suas Necessidades Educativas Específicas*. Porto: Porto Editora.
- Simão, A., Ribeiro, C. & Fernandes, A. (2016). Da identificação à educação dos alunos sobredotados: Perceção dos professores dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico. In A. Fernandes, A. Gomes, & M. Lima (Coords.), *Educação especial em tese: 25 anos a formar professores* (pp. 153-174). Porto: ESEPF. Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2319/1/ed_espe_tese_ebook.compressed.pdf
- Winner, E. (1996). *Crianças Sobredotadas: Mitos e Realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXOS

Anexo I – Pedido de autorização realizado à 1ª instituição



Exma. Sr.^a Dir.

ASSUNTO: Pedido de Autorização

Os Serviços Académicos da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti vêm, por este meio, pedir autorização para que a estudante Carina Sofia Vieira Lourenço, a frequentar nesta Escola o 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, seja permitido entregar alguns questionários às Educadoras de Infância

Mais informamos que os elementos recolhidos têm por objetivo, a realização do Relatório de Investigação para avaliação à Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar II cuja orientadora é a docente desta ESE, Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes.

Agradecendo desde já toda a atenção dispensada a este nosso pedido, junto enviamos os nossos melhores cumprimentos.

Porto, 06 de junho de 2017

Os Serviços Académicos

Anexo II – Pedido de autorização realizado à 2ª instituição

Exma. Sr.^a Dir.

ASSUNTO: Pedido de Autorização

Os Serviços Académicos da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti vêm, por este meio, pedir autorização para que à estudante Carina Sofia Vieira Lourenço, a frequentar nesta Escola o 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, seja permitido entregar alguns questionários às Educadoras de Infância

Mais informamos que os elementos recolhidos têm por objetivo, a realização do Relatório de Investigação para avaliação à Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada em Creche cuja orientadora é a docente desta ESE, Doutora Ana Márcia Vaz Serra Fernandes.

Agradecendo desde já toda a atenção dispensada a este nosso pedido, junto enviamos os nossos melhores cumprimentos.

Porto, 30 de novembro de 2017

Os Serviços Académicos



**Anexo III – Inquérito por questionário aos educadores de
infância de ambas as instituições**

Este questionário tem por objetivo a recolha de dados para a investigação intitulada “O papel do educador de infância na resposta às necessidades da criança com precocidade excecional”, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. A sua finalidade é identificar as estratégias de intervenção que podem ser utilizadas para melhorar o sucesso escolar das crianças sobredotadas.

Os dados relativos a este questionário manter-se-ão confidenciais e só serão utilizados no âmbito desta investigação. Desta forma, o anonimato será respeitado.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade em participar neste estudo e peço o favor de responder com sinceridade a todas as questões.

Os melhores Cumprimentos

Carina Lourenço.

A 1ª parte do questionário pretende saber os seus dados pessoais e profissionais.

1. Género:

Masculino

Feminino

2. Idade: _____

3. Anos de serviço:

- 1-5 Anos
- 5-10 Anos
- 10-15 Anos
- 15-20 Anos
- 20-25 Anos
- 25-30 Anos
- 30-35 Anos
- 35-40 Anos

4. Há quantos anos exerce nesta instituição? _____

5. Instituição de ensino onde está colocada:

Pública Privada I.P.S.S.

(Instituição Particular de Solidariedade Social)

6. Formação académica:

(assinale todas as respostas possíveis).

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-Graduação. Qual? _____
- Mestrado. Qual? _____
- Doutoramento

A 2ª parte do questionário visa saber qual o seu conhecimento sobre sobredotação.

1. O que é para si a sobredotação?

2. Já teve contacto com algum caso de sobredotação, em contexto de sala?

Sim Não

(Se não, passe para a pergunta 3)

2.1 Se sim, como reagiu?

2.2 Se sim, foi um caso bem-sucedido?

Sim Não

2.3 Se sim, a criança teve diagnóstico?

Sim Não

2.3.1 Se sim, quem o fez?

3. Quais as características de uma criança sobredotada?

4. A criança sobredotada tem necessidades educativas específicas, no que diz respeito ao ambiente de uma sala de Jardim de Infância?

Sim

Não

4.1 Se sim, quais?

5. O que pode fazer uma educadora de infância para responder às necessidades de uma criança sobredotada na sala de Jardim de Infância?

6. A criança sobredotada revela sempre necessariamente, um bom rendimento geral?

Sim

Não

7. A criança sobredotada precisa, no ensino pré-escolar, de intervenção diferenciada?

Sim

Não

7.1 Se sim, dê exemplo(s) de estratégias de intervenção

**8. Considera que as crianças sobredotadas se integram bem no grupo?
Justifique.**

8.1 Se considera que não, o que faria para que a criança se integrasse melhor no grupo? (se considera que sim, passe para a questão seguinte)

9. Aquando da planificação semanal das atividades, tem em conta o caso da criança sobredotada? Sim Não

9.1 Se sim, o que faz de diferente?

10. Que sinais identificariam, numa criança, para a referenciar como sobredotada?

11. Em que situações na sala identifica estes sinais na criança? (assinale todas as respostas possíveis)

- Nas brincadeiras livres**
- Nas atividades estruturadas**

Mais uma vez agradeço a atenção que dispensou e a sua colaboração.

Obrigada.

**Anexo IV – Tabelas de dados dos inquéritos dos educadores de
infância realizados em ambas as instituições**

Tabela nº1 – Género dos educadores

Masculino	0%
Feminino	100%

Tabela nº2 – Faixa etária das educadoras

Idades	Nº de inquiridos
De 25 a 30 anos	0
De 31 a 35 anos	1
De 36 a 40 anos	3
De 41 a 50 anos	8
De 51 a 60 anos	1

Tabela nº3 – Anos que a educadora exerce na instituição

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
Anos que exerce na instituição	17	17	25	16	22	8	22	22	20	17	16	3	3

Tabela nº4 – Anos de serviço das Educadoras de Infância

Anos de serviço	Nº de inquiridos
1-5 Anos	0
5-10 Anos	0
10-15 Anos	1
15-20 Anos	7
20-25 Anos	4
25-30 Anos	0
30-35 Anos	1
35-40 Anos	0

Tabela nº5 – Instituição de ensino onde está colocada

Pública	0%
Privada	0%
I.P.S.S	100%

Tabela nº6 – Formação académica das educadoras

Inquiridos	Formação académica
A	Licenciatura
B	Licenciatura
C	Licenciatura
D	Licenciatura
E	Licenciatura
F	Licenciatura
G	Licenciatura
H	Licenciatura
I	Bacharelato
J	Licenciatura
K	Licenciatura
L	Pós-Graduação
M	Licenciatura

Tabela nº7 – Contacto com algum caso de sobredotação em contexto de sala

Sim	15%
Não	85%

Tabela nº8 – O caso foi bem-sucedido

Sim	100%
Não	0%

Tabela nº9 – A criança teve diagnóstico

Sim	0%
Não	100%

Tabela nº10 – As crianças sobredotadas têm necessidades educativas específicas, no que diz respeito ao ambiente de uma sala

Sim	77%
Não	23%

Tabela nº11 – A criança desempenha sempre um bom rendimento

Sim	23%
Não	77%

Tabela nº12 – A criança sobredotada precisa de uma intervenção diferenciada

Sim	62%
Não	38%

Tabela nº13 – Aquando da realização da planificação tem em conta o caso da criança sobredotada

Sim	100%
Não	0%

Tabela nº14 – Situações na sala que identifica sinais numa criança sobredotada

Inquiridos	Situações na sala que identifica sinais numa criança sobredotada
A	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
B	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
C	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
D	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
E	Não respondeu
F	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
G	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
H	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
I	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
J	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
K	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas
L	Não respondeu
M	Nas brincadeiras livres e nas atividades estruturadas

Apresentação dos dados das questões abertas

Sujeitos	Resposta à questão 1 “O que é para si sobredotação?”
A	Ter capacidades acima da média;
B	Apresentar um desempenho acima da média, em determinada área;
C	Apresentar competências, talentos, habilidades e capacidades acima da média;
D	Ter capacidade mental acima da média numa determinada área;
E	Manifestar capacidades excepcionais numa área de desenvolvimento;
F	Quando a inteligência está acima da média;
G	Ter capacidades intelectuais, acima do que é considerado normal;
H	Apresentar capacidades intelectuais acima da média;
I	Ter uma capacidade mental acima da média;
J	Ser dotado de capacidades acima do normal;
K	Ter uma habilidade, uma aptidão acima da média;
L	Característica que leva a criança a uma realização superior à média;
M	Capacidade mental acima da média.

Análise de conteúdo: Para as inquiridas sobredotação significa ter capacidades ou habilidades apresentadas acima da média.

Sujeitos	Resposta à questão 2.1 “Se sim, como reagiu?”
A	Teve um pouco de dificuldades e sentiu necessidade em ler estratégias para saber como lidar com as crianças;
I	Tentou dar resposta às necessidades da criança.

Análise de conteúdo: As educadoras procuraram estratégias para dar resposta às necessidades da criança.

Sujeitos	Resposta à questão 3 “Quais as características de uma criança sobredotada?”
A	Ser uma criança ativa, sentir frustração e perder rapidamente o interesse;
B	Ter inteligência acima da média, ser criativa e curiosa;
C	Ter grande capacidade de pensamento abstrato, ser curiosa, criativa, ativa, sensível, ter independência, persistência, boa memória e capacidades acima da média;
D	Ser curioso, criativo, observador e começar a falar muito cedo;
E	Demonstrar capacidades excepcionais numa ou em várias áreas de desenvolvimento;
F	Mostrar facilmente desinteresse na atividade que está a realizar e mostrar as suas aptidões acima da média;
G	Ter um pensamento criativo e um vasto conhecimento. Ser crítico, observador, entusiástico, independente e persistente. Aprender com facilidade os temas do seu agrado;
H	Apresentar uma capacidade intelectual acima da média, ter uma aptidão específica, pensamento crítico e grande capacidade para uma determinada área;
I	Destaca-se numa determinada área de desenvolvimento;
J	Ter curiosidade por diferentes temas, pensamento crítico e ter inteligência acima da média;
K	Ter inteligência superior em algumas áreas e grande criatividade. Ser curiosa e insaciável;
L	Ter uma linguagem precoce e um vasto vocabulário. Demonstrar interesse por diferentes assuntos;
M	Ter capacidade de responder com eficácia e com rapidez. Demonstrar interesse por uma determinada área específica.

Análise de conteúdo: As educadoras referiram ter uma inteligência acima da média, um pensamento crítico e criativo, ter um vasto conhecimento, demonstrar interesse e curiosidade por diversos assuntos, ser observador, persistente, ativo e independente.

Sujeitos	Resposta à questão 4.1 “Se sim, quais?”
B	Proporcionar um ambiente estimulante e desafiador;
C	Proporcionar um ambiente facilitador e criar oportunidades para desenvolver experiências que lhe interessem;
D	Ter necessidades e exigências diferentes das outras crianças e desmotivam com facilidade durante as atividades lecionadas para o grupo;
E	Proporcionar um ambiente estimulante e responder às suas necessidades específicas, de acordo com a sua área de interesse;
G	Adaptar o currículo e também as atividades devem ser do interesse dele e motivadoras;
H	Adaptar o currículo, tendo em conta as características e as necessidades específicas de cada criança e apresentar atividades criativas e motivadoras;
I	Colocar objetos e materiais adequados na sala para que a criança se sinta integrada e motivada na sala;
K	Acompanhamento adequado às suas necessidades específicas e nas áreas que apresenta menos aptidões;
L	Apoio individualizado em contexto de sala proporcionando atividades de interesse da criança;
M	Necessitam de uma educação individualizada nas diferentes áreas.

Análise de conteúdo: As inquiridas mencionaram proporcionar um ambiente desafiador e estimulante, de maneira adaptar as atividades propostas motivadoras e de interesse da criança.

Sujeitos	Resposta à questão 5 “O que pode fazer uma educadora de infância para responder às necessidades de uma criança sobredotada na sala de Jardim de Infância?”
A	Arranjar estratégias para a criança se sentir motivada e interessada;
B	Proporcionar um ambiente educativo rico, estimulante e criar atividades desafiantes;
C	Proporcionar à criança recursos especializados e adequados aos seus interesses;
D	Criar um ambiente estimulante, para que a criança se sinta motivada;
E	Responder às necessidades da criança e adequar as atividades de forma a que sejam estimulantes;
F	Diversificar as atividades de acordo com as áreas de interesse da criança, de maneira a motiva-la a participar nas mesmas;
G	Proporcionar oportunidades e experiências de aprendizagens de maneira a favorecer o seu desenvolvimento;
H	Dar oportunidade à criança de rentabilizar as suas capacidades e ensinar-lhe a inserir-se num mundo um pouco diferente do seu;
I	Ir de encontro às suas necessidades educativas, de maneira a que a criança tenha oportunidade de adquirir independência pessoal, de implementar o pensamento criativo e desenvolver habilidades afetivas;
J	Estar atenta aos seus comportamentos e pedir um despiste a profissionais especializados neste assunto;
K	Estar atenta, observar as necessidades específicas e pedir um despiste para posteriormente ser acompanhado.
L	Criar condições para a expressão e desenvolvimento das suas qualidades excecionais;
M	Acompanhar a criança no seu crescimento, potencializando atividades do seu interesse e motivando-a para realizar atividades que não sejam do seu interesse.

Análise de conteúdo: As educadoras referiram proporcionar um ambiente educativo estimulante, rico e desafiante para a criança, de modo a criar interesse nas atividades sugeridas e implementar o pensamento criativo, de maneira a favorecer o seu desenvolvimento.

Sujeitos	Resposta à questão 7.1 “Se sim, dê exemplo(s) de estratégias de intervenção?”
A	Motivar a criança para ajudar a organizar o contexto educativo, atribuir-lhe responsabilidades e fazer com que ela participe nas atividades ajudando os seus colegas;
B	Ajudar a educadora a planificar as atividades e a intervir na organização das mesmas, de maneira a que este fique motivado pelas mesmas;
C	Estimular as suas potencialidades, utilizando uma variedade de materiais criativos;
D	Dar à criança responsabilidades e tarefas acrescidas;
E	Planificar atividades em conjunto com eles, de maneira a que eles se sintam motivados e valorizados;
G	Estratégias que permitissem satisfazer as necessidades e interesses destas crianças;
H	Proporcionar currículos ajustados, orientar processos cognitivos mais complexos, centra-se na ação da criança e insistir no sentido de que a criança mantenha altas potencialidades de aproveitamento em todas as áreas;
L	Organizar um ambiente rico em elementos que fossem de encontro aos seus interesses, como por exemplo aumentar a área da biblioteca e diversificar os livros de acordo com sua motivação.

Análise de conteúdo: As educadoras indicaram pedir à criança que ajude a organizar o ambiente educativo, que ajude os seus colegas nas tarefas e nas atividades e atribuir-lhes responsabilidades, de maneira a que se sintam valorizadas e motivadas.

Sujeitos	Resposta à questão 8 “Considera que as crianças sobredotadas se integram bem no grupo? Justifique.”
A	Depende, têm momentos que interagem e brincam com os outros, mas também entram em conflito, pois o grupo não acompanha as suas ideias e brincadeiras;
B	Não, pois apresentam dificuldades em se integrarem devido a não terem os mesmos interesses;
C	Sim, se ajudarmos a participar ativamente, aceitá-los tal como eles são e estarmos atentos às suas necessidades, tanto psicológicas como sociais;
D	Não se integram totalmente no grupo, pois os seus interesses nunca são os mesmos do grupo e por isso acabam por isolar-se;
E	Não, porque estas crianças apresentam alguma dificuldade em relacionar-se com os outros, uma vez que apresentam interesses diferentes do grupo e expressam-se de maneira diferente;
F	Sim, porque a criança ainda não tem noção que é diferente dos outros e por isso inserem-se bem no grupo e comunicam facilmente;
G	Não considero porque estas crianças apresentam dificuldade a nível das relações interpessoais;
H	Nem sempre, porque em muitos casos eles consideram os colegas bebés, o que por vezes cria uma certa distância e estas crianças tendem a criar mais relações com os adultos, pois sentem que estão ao nível deles;
I	Depende dos casos, mas geralmente não se relacionam muito bem com os colegas da sala;
J	Depende da atitude do educador, pois se este for facilitador a nível da compreensão e criar momentos para que esta integração seja benéfica a criança poderá se integrar melhor;
K	Penso que poderá integrar-se bem, cabe ao educador fazer essa gestão com toda a sala;
L	Não tenho experiência, uma vez que nunca tive uma criança com essa especificidade;
M	Sim, havendo uma intervenção adequada por parte da educadora e criando um ambiente facilitador.

Análise de conteúdo: As educadoras especificaram que depende do ambiente em questão e do grupo, pois cabe ao educador criar momentos, para que esta integração seja benéfica para a criança e para que socialmente eles se sintam acolhidos e confiantes com eles mesmos.

Sujeitos	Resposta à questão 8.1 “ Se considera que não, o que faria para que a criança se integrasse melhor no grupo?”
B	Isto é um trabalho de equipa, o que não depende só da educadora mas sim do grupo que estamos a trabalhar;
D	Criar um ambiente estimulante, pedindo ao grupo para nunca discriminar aquela criança e tentar envolve-la em todas as atividades, mesmo nas áreas que esta apresentasse maior desinteresse;
E	Procurava valorizar os seus interesses, procurando outras crianças que partilhassem dos mesmos interesses dela e se juntassem todas nas brincadeiras mais comuns do grupo, para assim partilharem ambas as brincadeiras;
G	Trabalhar a inclusão através de situações de laser, crendo que estas podem ajudar a intensificar a imaginação e a memória, podendo assim descobrir novas capacidades em si mesmos.

Análise de conteúdo: As educadoras mencionaram que em colaboração com a equipa pedagógica e com o próprio grupo criavam um ambiente estimulante e situações de laser, procurando interesses comuns para ambas as crianças, de maneira a que estas descobrissem novas capacidades e talentos.

Sujeitos	Resposta à questão 9.1 “ Se sim, o que faz de diferente?”
A	Ir ao encontro dos interesses da criança;
B	Planificar as atividades juntamente com a criança e desafiá-la a intervir e a explicar as atividades ao restante grupo;
C	Deixar que seja ela mesma a desenrolar a atividade com o grupo, mas nunca exigir mais do que ela pode dar;
D	Planificar atividades do interesse dela e pedindo-lhe a opinião dela para que ela se sinta motivada;
E	Proporcionar atividades do interesse dela e pedir-lhe ajuda, para que ela explique ao grupo o que é pretendido fazer e os ajude;
F	Propor atividades para o grupo todo e não a diferenciar, pois assim ela irá se integrar nas atividades juntamente com os colegas;
G	Planificar atividades do interesse dela, para que esta não se sentisse frustrada;
H	Elaborar atividades do interesse e gosto dela e com um grau superior à sua idade, pois desta forma esta terá curiosidade em realizá-la;
I	Ir de encontro às suas necessidades e motivações, tentando diversificar o máximo de atividades incluindo diferentes áreas;
J	Planificar atividades específicas com a ajuda da criança;
K	Pensar na criança como um individuo que tem necessidades específicas;
L	Planificar as atividades juntamente com ela;
M	Pedir ajuda à criança para planificar e pedir-lhe sugestões de atividades.

Análise de conteúdo: As inquiridas referiram planificar as atividades juntamente com a criança e pedir-lhe ajuda para a construção das mesmas, de maneira a que esta se sinta motivada.

Sujeitos	Resposta à questão 10 “ Que sinais identificaria, numa criança, para a referenciar como sobredotada?”
A	Diálogos elaborados e raciocínios mais complexos;
B	Inteligência acima da média, criatividade e curiosidade sobre múltiplas áreas;
C	A sua motivação intrínseca, um espírito motivador, curiosidade intelectual, observadores e uma maneira diferente de discriminar particularidades;
D	Ser uma criança criativa, ter interesses específicos numa determina área, ser curiosa, aprender rápido e ter um vocabulário rico;
E	Ter uma grande necessidade de participar, dificuldades de integração no grupo e desinteresse face a um ambiente pouco estimulante e criativo;
F	Ter capacidades excepcionais e saberem quase tudo em todas as áreas de desenvolvimento;
G	Falar muito cedo, colocar questões muito pertinentes, ter muita intensidade no desempenho das atividades e ter uma grande capacidade de atenção;
H	Ler corretamente com três anos de idade, resolver problemas matemáticos e uma criança com uma capacidade intelectual superior à sua idade;
I	Ter uma excelente memória e uma grande capacidade na resolução de problemas;
J	Ter capacidades acima do normal e mostrar interesses por conversas e temas dos adultos;
K	Ter interesses específicos, estar sempre à procura de mais informação e ter um raciocínio superior à sua idade;
L	Ter um vocabulário avançado para a sua idade, ter preferência por livros com temas que estão relacionados com os adultos e preferir um ambiente mais direcionado para os adultos;
M	Ter inteligência acima da média e mostrar interesse e curiosidade por coisas dos adultos.

Análise de conteúdo: As inquiridas indicaram ter uma grande capacidade para a resolução de problemas, ter um raciocínio superior à sua idade, mostrar curiosidade por temas relacionados com os adultos, terem um vocabulário rico e apropriado de um adulto e terem necessidade de participar e colocar questões continuamente.